FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANA CLAUDIA GOBETTI PANCIERI

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

TEOLOGIA PLURALISTA DAS RELIGIÕES: UMA PROPOSTA PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Vitória - ES
2017

ANA CLAUDIA GOBETTI PANCIERI

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

TEOLOGIA PLURALISTA DAS RELIGIÕES: UMA PROPOSTA PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Trabalho final de Mestrado profissional para obtenção de grau de Mestre em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha

Vitória - ES

2017

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

Pancieri, Ana Claudia Gobetti

Teologia pluralista das religiões / Uma proposta para o diálogo inter-religioso / Ana Claudia Gobetti Pancieri. – Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

ix, 68 f. ; il. 31 cm.

Orientador: Abdruschin Schaeffer Rocha

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2017.

Referências bibliográficas: f. 106-110

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Diálogo inter-religioso. 4. Intradiálogo. 5. Pluralismo religioso. 6. Diálogo entre religiões. . - Tese. I. Ana Claudia Gobetti Pancieri. II. Faculdade Unida de Vitória, 2017. III. Título.

ANA CLAUDIA GOBETTI PANCIERI

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 08/12/2017.

TEOLOGIA PLURALISTA DAS RELIGIÕES: UMA PROPOSTA PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

PPGCR Faculdade Unida de Vitória

Doutor Abdruschin Schaeffer Rocha – UNIDA (presidente)

Doutor Ronaldo de Paula Cavalcante – UNIDA

Doutor Antônio Vidal Nunes – UFES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

Dedico este trabalho à minha família por sempre valorizar tudo o que eu faço, e pela paciência, estímulo e apoio nos momentos de incertezas muito comuns para quem tenta trilhar novos caminhos.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

AGRADECIMENTOS

Foi um longo caminho percorrido – do princípio até a conclusão do Mestrado. Nada foi fácil, nem tampouco sereno.

Agradeço a Deus, pela permissão de atingir meu objetivo, e por toda a força concedida na concretização desse sonho;

ao professor Dr. Abdruschin Schaeffer Rocha, cujos conhecimentos e perseverança foram fundamentais para que eu me mantivesse firme no propósito e efetuasse o trabalho com êxito;

aos professores, funcionários e colegas do Curso de Mestrado em Ciências das Religiões, que participaram direta ou indiretamente na minha formação;

à minha maior incentivadora, minha querida filha Bárbara, que me auxiliou nas montagens de *slides* e me estimulou a seguir em frente;

ao meu marido Valdeci, por estar ao meu lado nos melhores e piores momentos;

ao amigo Alexsandro, que conquistei no mestrado e cujo bom humor tornou nossos momentos mais leves;

ao querido André, pelas dicas preciosas e correções na formatação;

ao revisor Herbert, pelas correções ortográficas que deixaram a minha escrita mais harmoniosa;

ao meu amigo Sérgio Eduardo, que não mediu esforços para me auxiliar com os termos confusos;

e à minha grande amiga Janete, cúmplice e confidente durante anos de trabalho e parceira no Mestrado, compartilhando angústias, alegrias e conquistas.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar, porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.

(Cora Coralina)

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é identificar os principais fatores que levam o homem contemporâneo a buscar novas tendências religiosas para obter respostas sobre sua existência. Para isso utilizaram-se pesquisas dos tipos bibliográfico, descritivo e qualitativo. Para melhor explanação do tema, fez-se uma descrição da Contemporaneidade e de seus movimentos, como a globalização e a formação dos Estados democráticos, quando os cidadãos passaram a gozar da garantia de liberdade religiosa e de livre expressão pública de crenças. Com a Contemporaneidade, novos postulados surgiram para melhor compreensão das religiões, e os paradigmas exclusivista e inclusivista expressam essa tentativa de fuga do fundamentalismo, dados os desafios impostos pelo pluralismo religioso. O pluralismo surge como reação contra o entendimento do Cristianismo como a única religião de superioridade, e parte do pressuposto de que "todas as religiões são igualmente boas". Com o Concílio Vaticano II o pluralismo se fortaleceu, o que ensejou uma maior sensibilização quanto ao reconhecimento/aceitação de outras religiões. O diálogo inter-religioso é a base do pluralismo, sendo fundamental para possibilitar a união e a paz da humanidade. Frente a essa nova realidade do mundo globalizado, o indivíduo busca novas tendências religiosas na obtenção de respostas para sua existência, exigindo maior reflexão crítica a respeito das verdades, antes tomadas como absolutas. Os desafios são mais complexos do que os novos e antigos paradigmas, que acabam não dando conta de atender a tantas inquietações e questionamentos. As velhas certezas teológicas estão sendo substituídas pelo diálogo inter-religioso, na busca da harmonia e da paz, que contribuirá com a libertação do patriarcalismo cristão absoluto.

Palavras-chave: Diálogo Inter-religioso. Intradiálogo. Pluralismo Religioso.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

ABSTRACT

The objective of this work is to identify the main factors that lead the modern man to seek new religious trends to obtain answers about his existence. For this purpose we used bibliographic, descriptive and qualitative research. For a better explanation of the theme, a description of modernity and its movements, such as globalization and the formation of democratic states, was made when the citizens came to enjoy the guarantee of religious freedom and free public expression of beliefs. With modernity, new postulates have emerged for a better understanding of religions, and the exclusivist and inclusivist paradigms express this attempt to escape from fundamentalism, given the challenges imposed by religious pluralism. Pluralism emerges as a reaction against the understanding of Christianity as the only religion of superiority, and assumes that 'all religions are equally good'. With the Second Vatican Council, pluralism was strengthened, which led to greater awareness of the recognition / acceptance of other religions. Interreligious dialogue is the basis of pluralism, and is fundamental to enable unity and peace for humanity. Faced with this new reality of the globalized world, the individual seeks new religious tendencies to obtain answers for his existence, demanding more critical reflection on the truths, previously taken as absolute. The challenges are more complex than the old and new paradigms, which end up failing to address so many concerns and questions. The old theological certainties are being replaced by interreligious dialogue, in search of harmony and peace, which will contribute to the liberation of absolute Christian patriarchalism.

Keywords: Interreligious Dialogue. Intraday Dialogue. Religious Pluralism.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL 13

1.1 O condicionamento histórico e a diversidade religiosa 13

1.2 Diversidade Religiosa no Brasil 18

1.3 A ameaça do fundamentalismo 23

2 OS PARADIGMAS EXCLUSIVISTA E INCLUSIVISTA 31

2.1 Paradigma exclusivista 31

2.2 Paradigma inclusivista 38

2.3 Exclusivismo e Inclusivismo: uma avaliação 41

3. RELIGIÃO, VERDADE E TEOLOGIA PLURALISTA DAS RELIGIÕES 43

3.1 Religião e conceito de verdade 43

3.2 Mundialização, globalização e secularização 48

3.3 Diálogo Inter-religioso e Teologia pluralista das religiões 52

CONCLUSÃO 59

REFERÊNCIAS 61

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR Faculdade Unida de Vitória

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo é marcado pela preocupação de ser contemporâneo em todos os sentidos. Se antes o apego e o respeito figuravam como condições de relevância para a organização da vida em sociedade, agora predomina a incessante busca pelo progresso. Com isso, a constante mudança das formas e conteúdo da vida foi alçada à categoria de valor, caracterizado pela coexistência de variados estilos de vida e visões de mundo. Antes procurava-se preservar, agora o mais importante é inovar.[1] A pós-modernidade se refere a algo que se põe depois do moderno, ou uma atividade de rompimento e negação para com este[2]. Do bem passou-se para a ideia do bem-estar, valor fundamental para a cultura atual.[3]

O surgimento da razão subjetiva, marcado pelo avanço científico, substituiria a superstição que caracteriza o religioso. No lugar dos deuses estariam os homens, libertos de crenças fúteis. A Contemporaneidade enfatiza a alienação, o isolamento, a perda de sentido e o desaparecimento das religiões como parte do próprio universo de descrença e materialismo, consequência da industrialização.[4]

Nesse sentido, a dessacralização contribui para a perda de valores espirituais, o que deixa o homem contemporâneo voltado para o consumismo e com dificuldades de relacionamento fraternal com o semelhante. Acrescenta-se ainda o fato de as mudanças sociais serem caracterizadas pelo crescimento de religiões e fiéis, com seitas e cultos mais variados, por toda parte.

No que se refere à religiosidade, a humanidade construiu e continua construindo diferentes e variadas respostas à questão que envolve a criação e a existência do homem. Nesse sentido, problematiza-se: quais são os principais fatores que levam o homem contemporâneo a buscar novas tendências religiosas para obter respostas sobre sua existência? Tal é o objetivo deste estudo.

Para se alcançar o objetivo, o estudo analisa a complexa temática da religiosidade, tendo como eixo fenômenos distintos que se inter-relacionam: o pluralismo religioso, a

[1] Cf. MACEDO, Cármem Cinira. *Imagem do eterno*: religiões do Brasil. São Paulo: Moderna, 1989. p. 15.
[2] Pós-modernidade aqui deve ser entendida como um paradigma que conquanto se contraponha à chamada Modernidade, convive com ela lado a lado na chamada Contemporaneidade, delineando o que se pode chamar de mundo plural. Ou seja, a Contemporaneidade é esse palco que ao abarcar Modernidade e Pós-Modernidade, se transforma num ambiente que aglutina paradigmas que são mutuamente excludentes (ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Hermenêutica do cuidado pastoral:* lendo textos e pessoas num mundo paradoxal. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012, p.32).
[3] Cf. BARTH, Wilmar Luiz. O homem pós-moderno, religião e ética. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, mar., 2007. p. 91.
[4] Cf. MACEDO, 1989, p. 15-16.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

diversidade religiosa, o diálogo inter-religioso e a teologia pluralista das religiões. E também busca aprofundar o conhecimento de alguns aspectos da mudança social na contemporaneidade, apontadas como relevantes pelas repercussões que produzem no conjunto da sociedade. Para um melhor delineamento do tema, o estudo delimita-se na diversidade religiosa, e sua relação com o surgimento de tendências modernas como a mundialização, a globalização e a secularização.

Ao considerar a religiosidade como um dos fatores constituintes do compromisso com a religião, a busca por respostas sobre a existência humana pode ser apontada como variável importante para a predição desse compromisso, ou até mesmo a busca de novas religiões. Torna-se relevante buscar uma literatura que associe tais constructos no Brasil, a fim de manter a relevância científica da pesquisa.

Diversos estudos procuraram estabelecer a relação entre a existência e a religiosidade em variados grupos culturais e religiosos. A maioria das pesquisas revelou uma associação significativa entre a religiosidade e as questões existenciais humanas, destacando o aprofundamento do vínculo entre as tendências modernistas, o pluralismo religioso e o surgimento de novas religiões. Para tanto, é imprescindível destacar as razões que levam o ser humano contemporâneo a alterar seus critérios de orientação em prol de novas tendências religiosas.

O tema é atual, daí a vasta literatura dos campos da filosofia, da antropologia, da psicologia e da teologia, a fim de explicitar que a sociedade contemporânea se encontra em crise pela carência de significado, orientando-se com dificuldade nas conquistas e nas dúvidas em questões inerentes à própria existência, o que a leva à busca de novas tendências religiosas.

A pesquisa é do tipo bibliográfico e descritivo. A pesquisa bibliográfica é uma fonte de coleta de dados secundária e abrange toda a bibliografia pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas a boletins, jornais, revistas, artigos, monografias, dissertações, teses, etc., ou seja, objetiva o contato direto do pesquisador com tudo o que foi escrito, dito ou filmado a respeito de determinado assunto.[5] A técnica de coleta de dados, por ser uma revisão de literatura, foi aplicada por meio de um levantamento de teóricos e filósofos que têm como foco temas como a mudança social, a pluralidade religiosa, valores e religiosidade.

[5] Cf. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001. p. 21.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR Faculdade Unida de Vitória

A pesquisa descritiva objetiva apresentar detalhadamente um fenômeno ou uma situação, principalmente o que acontece, permitindo abranger com exatidão as características de um indivíduo, uma situação ou um grupo.[6]

A pesquisa empreendida compreende as atividades ou investigação caracterizadas como específicas. Esse tipo de pesquisa busca captar, na aparência e na essência do fenômeno, a origem, as relações ou as mudanças, na tentativa de intuir as consequências.[7] Utiliza-se principalmente de fontes diretas de dados, tendo o pesquisador como instrumento principal.

O trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro descreve a diversidade religiosa, sobretudo a brasileira, destacando as ideologias do sujeito contemporâneo e sua religiosidade, bem como as implicações dessa diversidade para o diálogo inter-religioso. O capítulo destaca o cristianismo dentro desse contexto e as ameaças do fundamentalismo como reação ao pluralismo e diversidade. O segundo capítulo apresenta os paradigmas exclusivista e inclusivista, como respostas ao pluralismo, apontando suas limitações. Finalmente, o terceiro capítulo procura elucidar os conceitos de religião e a incessante busca pela verdade, principal razão de toda a discussão gerada pela diversidade religiosa e a consequente intolerância, além de mostrar esses temas a partir da dimensão política e social da fé.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

[6] Cf. GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 16.
[7] Cf. TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p. 19.

1 DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

Neste capítulo pretende-se investigar o fenômeno da diversidade religiosa, sobretudo no contexto brasileiro, para que se conheçam suas implicações para o diálogo inter-religioso. Principalmente no Brasil, uma inevitável diversidade religiosa exige cada vez mais o diálogo franco e aberto, a fim de que a sociedade democrática se consolide como promotora da justiça e da liberdade, e cada expressão religiosa contribui para tal realização. É fundamental que se compreenda o Cristianismo como religião gestada no contexto da cultura ocidental, e seu papel em meio a essa diversidade, já que por muitos séculos foi considerada a única e verdadeira religião.

Com a Contemporaneidade e todos os seus movimentos, e com o fenômeno da globalização, bem como com a formação de Estados democráticos, os cidadãos passaram a gozar da garantia de liberdade religiosa e de livre expressão pública de crenças. O Cristianismo, nesse sentido, acabou perdendo seu espaço privilegiado, configurando-se como uma entre as diversas religiões. Entretanto, como muito bem se expressa Peter Berger,

> [...] a situação pluralista, porém, engendrou não apenas a 'era do ecumenismo', mas também, em aparente contradição com esta, a 'era das redescobertas das heranças confessionais'. Isso tem sido frequentemente observado e considerado como simplesmente alguma forma de 'movimento compensatório', bem-visto ou deplorado, conforme o caso.[8]

O fundamentalismo, no sentido explicitado por Berger, é uma reação a essa insegurança e à desestabilização da identidade provocada pelo pluralismo. Mas qualquer compreensão de Cristianismo em conformidade com as demandas da sociedade contemporânea passa inevitavelmente por uma resposta equilibrada ao pluralismo religioso.

1.1 O condicionamento histórico e a diversidade religiosa

A terminologia diversidade origina-se do latim *diversitate* e significa diferença, dessemelhança, dissimilitude. Essa definição opõe a diversidade à homogeneidade.[9] Com relação a isso, explica Kadlubitski:

[8] BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 159.

[9] Cf. KADLUBITSKI, Lídia. *Diversidade e ensino religioso*. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/2joint h?dd99=pdf&dd1=7436>. Acesso em: 6 fev. 2017.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

> [...] diversidade cultural é diferença existente entre as culturas, ou seja, cada cultura tem sua forma de conceber o mundo, de modo que não há lugar para discriminação e hierarquização de valores. Pois as culturas, por serem originais, possuem necessidades peculiares, e, por isso, não podem ser uniformizadas, porque entra em jogo a questão do significado do que cada produção cultural (em termos de símbolos, tradições, ritos, idioma, alimentação, música, dança, arte, moda, arquitetura, entre outros), representa para cada sociedade.[10]

Como se pode perceber, a diversidade cultural responde a necessidades intrínsecas à formação de cada cultura. Ou seja, muito da dessemelhança entre uma cultura e outra é exatamente o que constitui a cultura como peculiar, única, o que significa dizer que sem as diferenças não haveria tal cultura. Essa gama de peculiaridades proporciona diferentes modos de relacionamento com o divino, mas infelizmente também possibilita diferentes formas de fundamentalismos e de intolerância religiosa. Tal diversificação tem suscitado sérios questionamentos a respeito do destino e das razões das religiões. A religião é extremamente relevante para a vida do ser humano, e não pode ser vista senão à luz da cultura que a gerou, manifestando-se de diferentes formas.

Mas, muitos foram os pensadores que criticaram os ideais postulados pela religião, que se projetam além da história, e que em muitos casos, se aliena a condições socioculturais. No entendimento de Marx, por exemplo, a religião é uma forma de alienação, fratura entre o mundo concreto e um mundo ideal. Para ele, o mundo ideal, o mundo celeste, surge do protesto da criatura oprimida em relação ao mundo em que se vive. Ou seja, a desumanidade verificada no mundo é superada pelo refúgio que a religião proporciona. Entretanto, esse refúgio proporciona também um entorpecimento com relação às condições sociais, razão pela qual a religião, para Marx, é ópio. O religioso, portanto, não é senhor de si e prefere uma felicidade ilusória à luta por igualdade e justiça.[11]

Nessa perspectiva, a religião deriva das necessidades do ser humano, ou seja, refere-se à maneira de superar o sofrimento causado pelas condições materiais que produzem a miséria, e a fé é uma afirmação rebelde da possibilidade de uma vida melhor em outro tipo de sociedade sem sofrimento. Para Gotay:

> No entanto, como a religião desse tempo projeta essa vida melhor no céu, fora da história e independentemente das condições socioeconômicas que produzem a miséria, essa rebeldia simbólica finaliza por adormecer os pobres e impedi-los de lutar politicamente para transformar essas condições materiais na terra.[12]

[10] KADLUBITSKI, acesso em: 6 fev. 2017.
[11] Cf. MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 145-146.
[12] GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*: implicações da Teologia da Libertação para a Sociologia da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 311.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

Nesse sentido, é necessário criticar o sermão de felicidade celestial que impede a aceitação da responsabilidade política com a transformação revolucionária da sociedade. Essa é a crítica marxista da religião. A crítica religiosa, na perspectiva do materialismo histórico e dialético, não teria sentido se não fosse pela função ideológica que a religião é capaz de cumprir em uma sociedade de exploração.

A diversidade religiosa resultante desse inegável condicionante histórico é um termo recente na teologia do sujeito, uma definição que vem sendo moldada de maneira progressiva com o decorrer dos tempos. O ser humano sempre esteve presente e relacionado por séculos a tradições religiosas, a partir das quais buscava respostas aos questionamentos sobre o motivo da vida, sua transformação, opressão e dificuldades, ou seja, buscava refletir e alcançar contribuições positivas para sua transformação individual e social.

A partir desse entendimento, é possível garantir uma interatividade positiva entre as diferentes identidades culturais, em prol da busca pela promoção da dignidade humana. Valorizar e reconhecer a diversidade é o mesmo que considerar cada sujeito e grupo social como forjado num processo histórico diferente, formando identidades a partir de uma perspectiva que condiciona, permite e limita um modo de ser humano.[13] As culturas se configuram em um mundo simbólico e atribuem significados, limites e possibilidades às formas como os humanos leem, sentem e experimentam o mundo e a vida, produzindo sentidos e identidades diferentes.

A diversidade engloba uma teia de vivências e significados concretos dos sujeitos de determinada sociedade, e por meio dela estipulam-se regras, valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos. Por isso, a cultura não é casual, mas resultado de toda a experiência histórica das gerações anteriores, dotada do poder de conter, simbolizar e traduzir formas de viver em sociedade.[14]

Apesar da distinção existente de quase todas as religiões, como fenômenos individuais e sociais, elas apresentam as seguintes características: crenças no sobrenatural, no Sagrado (Deus, Ser Supremo), evocado por meio de rituais ou celebrações (utilizando-se vestimentas, instrumentos, livros sagrados, etc., dotados de simbolismo, ou seja, de significado religioso) em lugares sagrados como igrejas, templos, terreiros, mesquitas etc. Contudo, cada religião é peculiar, expressando situações diferentes, como linguagens,

[13] Cf. CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lílian Blanck de. Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver. *RIDH*, Bauru, v. 1, n. 4, p. 181-197, jun., 2015. p. 184.
[14] Cf. KADLUBISTKI, acesso em: 6 fev. 2017.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

maneiras de acreditar, de celebrar, de rezar, de relacionar-se com a Alteridade e de simbolizar de formas diferentes os fenômenos religiosos vivenciados pelos membros de cada cultura.[15]

A partir dessa linha de pensamento, não há lugar para discriminação de valores e culturas religiosas, que não podem ser hierarquizadas. Ao longo da história, infelizmente, a convivência com a alteridade nem sempre foi pacífica.

A história das grandes religiões monoteístas – Cristianismo, islamismo e judaísmo – indica momentos de convivência respeitosa, mas também de intolerância entre as diversas religiões e a intrarreligião.[16] A intolerância pode ser vista a partir dos vários tipos de fundamentalismos – cristão, islâmico, judaico –, caracterizados como resistência ao processo de modernização das sociedades, à diversidade cultural e ao pluralismo religioso, como verificado no mundo contemporâneo. Tais fundamentalismos são movidos por comportamentos que se orientam pela negação e eliminação do outro.

Na Idade Média a intolerância religiosa foi intensificada nas lutas entre judeus e heréticos. Durante a formação dos Estados nacionais modernos, a intolerância, ao vincular religião e política, identificando uma à outra, enxergou o herege religioso como desafiante da ordem política monárquica. O dissidente político, nesse sentido, era encarado como alguém que desafiava o dogma religioso adotado pelo Estado-nação. Nessa época, a intolerância religiosa assumiu formas especialmente virulentas, julgando-se que o poder absoluto do rei se manteria sólido na medida em que a religião do povo fosse necessariamente a mesma do príncipe.[17]

Foram muitos os conflitos violentos em nome de determinada crença religiosa. E ainda continuam acontecendo fatos aterrorizantes se registram, por exemplo, nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, fazendo da intolerância religiosa assunto do dia, ao reafirmarem cada vez mais o preconceito, a insegurança e o medo. Embora fundada em pressupostos irracionais, violentos e destrutivos, essa intolerância apresenta uma configuração racional, quando se aceita que o Estado lute contra outros povos e culturas, tomados como ameaça à chamada homogeneidade da sociedade civil, à sua ordem interna.[18] Isso é o que se denomina intolerância institucionalizada.

O Cristianismo é fundamental nessa discussão da diversidade religiosa. Com o decorrer dos séculos, surgiram questionamentos sem respostas, que levaram ao descrédito do

[15] Cf. KADLUBISTKI, acesso em: 6 fev. 2017.
[16] Cf. OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. *Estudos de Sociologia*, Pernambuco, v. 13, n. 1, p. 239-264, 2015. p. 228.
[17] Cf. OLIVEIRA, 2015, p. 228.
[18] Cf. OLIVEIRA, 2015, p. 231.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

idealismo necessário para manter o vínculo entre, por exemplo, o Cristianismo e a ciência, a tecnologia e a democracia moderna, dentre outros, na perspectiva de reforçar a liberdade religiosa e o respeito à crença e à escolha religiosa. Levantaram-se questões envolvendo a Igreja Cristã e seu relacionamento com outras correntes da vida religiosa. Até um período relativamente recente, explica Hick, predominava o entendimento de que a prática cristã tinha *status* de credo, no qual Cristo/Evangelho e cristão/Cristianismo seriam relações absolutas, normativas e implícitas.[19] Havia, portanto, uma superioridade em relação aos outros salvadores, evangelhos e religiões. Desde a era medieval até mais ou menos fins do século XIX, reinava o monopólio cristão expresso pela doutrina *extra ecclesiam nulla salus* (fora da Igreja não há salvação), que preconizava a exclusividade da perspectiva católico-romana.[20] Presumia-se, portanto, que sem o Cristianismo não havia salvação das almas, com consequente perda da vida eterna.

Essa presunção da superioridade cristã trouxe efeitos destrutivos às relações entre os cristãos europeus e norte-americanos com os povos indígenas e negros, e por um período ainda mais longo, com os judeus.[21] Os judeus enfrentaram mais de quinze séculos do caráter absoluto do Cristianismo, o que deixou como corolário a radical atribuição de inferioridade e perversidade por ele imposta.[22] Como consequência, até o século XX e mesmo ao longo dele, presenciou-se o antissemitismo endêmico da civilização cristã.

Na contemporaneidade, os valores das outras tradições universais e a consciência inovadora do pernicioso absolutismo cristão romperam a exclusividade teológica. Esse rompimento ocorreu com o Concílio Vaticano II. Dentre os documentos produzidos pelo Concílio sobre a questão, Claude Geffré destaca a Declaração sobre a Liberdade Religiosa,[23] um dos textos que mais contribuiu para a mudança de perspectiva da Igreja em relação às outras tradições religiosas.[24]

A partir daí a possibilidade de salvação estendeu-se por todo o mundo. O Papa João Paulo II, em 1979, em sua primeira encíclica, ressaltou que qualquer homem, sem exceção, foi redimido por Cristo, a quem, de certa forma, está unido, mesmo quando não tenha consciência disso.[25] A partir dos anos 1980, tal discurso se tornou mais intenso, quando foram

[19] Cf. HICK, John. O caráter não-absoluto do Cristianismo. *Numen*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 11-44, 2010. p. 13.
[20] Cf. HICK, 2010, p. 13-14.
[21] Cf. HICK, 2010, p. 15.
[22] Cf. HICK, 2010, p. 15-16.
[23] A Declaração sobre a Liberdade Religiosa representou de fato uma "revisão decisiva da teoria perniciosa dos direitos exclusivos da verdade que serviu para justificar séculos de intolerância". TEIXEIRA, Faustino. A Teologia do Pluralismo Religioso em Claude Geffré. *Numen*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 45-83, 2010. p. 48.
[24] Cf. TEIXEIRA, 2010, p. 48.
[25] Cf. HICK, 2010, p. 16.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

desenvolvidas proposições particulares e originais sobre a relação do Cristianismo com as outras grandes religiões. Então já vigorava a ideia de que a essência da religião é o próprio homem. Para Panasiewicz:

> o pluralismo religioso é um novo paradigma teológico, por isso merece atenção especial. Ante a descrença religiosa e, mais que isso, ante a indiferença religiosa que marcou a época moderna, agora há um [...] retorno do religioso e a vitalidade das grandes religiões não cristãs.[26]

A diversidade religiosa envolve toda a reflexão teológica sobre o pluralismo, e o pensador francês Claude Geffré é um dos mais instigantes e originais pensadores católicos do tema. Geffré dedicou a maior parte da vida aos estudos teológicos, iniciando seus trabalhos desde a faculdade, de 1957 até 1997.[27] A contribuição mais reveladora de Geffré deu-se no campo da hermenêutica teológica, em que é considerado pioneiro e qualificado representante desse tipo de reflexão na França.

A passagem do absolutismo cristão para o pluralismo trouxe luz ao Cristianismo, a partir da qual não pode existir nenhuma presunção *a priori* de superioridade geral. Agora a tradição cristã é apenas uma entre uma pluralidade de contextos de salvação. Essa consciência inovadora surgiu recentemente, mas já se expande em todo o mundo como uma nova experiência espiritual. O pluralismo religioso que deriva dessa consciência vem sendo difundido como um desafio importante na teologia das religiões neste limiar do século XXI, como se verá mais adiante.

1.2 Diversidade Religiosa no Brasil

A história do Brasil é marcada por um processo constante de opressão e violência. A religião ocupou lugar fundamental na perspectiva política e social, com dupla função: de um lado, garantiu aos grupos dominantes um poder racional e capaz de definir uma ordem social oriunda da vontade divina; de outro, prometeu aos dominados a salvação e a libertação do sofrimento.[28]

---

[26] PANASIEWICZ, Roberlei. *Identidade cristã e pluralismo religioso contemporâneo*: uma reflexão a partir da abordagem teológica de Claude Geffré. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Panasiewicz,%20Roberlei.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2017.

[27] Cf. Cf. TEIXEIRA, Faustino. Panorâmica das abordagens cristãs sobre as religiões. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 30, n. 80, p. 57-84, 1998. p. 48.

[28] Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Fé-política: uma abordagem teológica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 15, p. 13-31, dez., 2009. p. 17.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

A diversidade religiosa no Brasil é resultante da secularização do Estado, no âmago da desmonopolização religiosa, da formação e da expansão do pluralismo e, por consequência, do acirramento da concorrência religiosa. Nesse sentido, a concessão de liberdade religiosa e a separação da Igreja-Estado, romperam com o monopólio católico, o que abriu espaço para que outros grupos religiosos pudessem ingressar e se formar no país, disputar e conquistar novos espaços sociais, adquirir legitimidade social e consolidar sua presença como instituição.[29]

O Brasil é um país religioso e isso se reflete na vida cotidiana, pela capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa. As condutas e crenças religiosas são fundamentais ao *ethos* da cultura brasileira.[30] A religiosidade brasileira sempre conviveu com variadas crenças provenientes de tradições religiosas de matriz indígena, africana, oriental e semita. Nesse sentido, diferentes vivências, percepções e elaborações do sagrado integram o substrato cultural dos povos. Os relatos e registros que derivam desse substrato e são elaborados sistematicamente pela humanidade transformam-se numa rica fonte de conhecimentos que instiga, desafia, confronta e subsidia o cotidiano das gerações.[31]

Até o período republicano, a realidade no Brasil era marcada pela liberdade de culto, apesar das sérias perseguições do Estado e da Igreja, que impediam a manifestação de outra crença sob a argumentação de que deveria haver apenas um Estado e uma só religião. O período monárquico foi marcado por uma interpretação restritiva e opressora da liberdade religiosa, compreendida pelo viés de liberdade de crença.

Em 1988, a Constituição Federal garantiu toda a gama de direitos a partir dos quais se deve orientar a questão religiosa no país. A Carta Magna de 1988, como outros documentos legais, assegura a liberdade de culto e a proibição de discriminação por qualquer motivo, inclusive a religião. Em seu art. 5º, inciso VI, dispõe que é "inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias". Esse artigo revela o interesse da Constituição brasileira em resguardar o respeito aos valores individuais de cada cidadão em relação à religião. A liberdade de crença é a liberdade de escolha da religião, de aderir a qualquer seita, de mudar de religião, sem prejuízo para a liberdade alheia. O art. 210, § 1º da

[29] Cf. MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun., 2003. p. 112.
[30] Cf. ANDRADE, Maristela Oliveira de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *CAOS*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p. 106-118, set., 2009. p. 108.
[31] Cf. SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. *Diversidade religiosa e Direitos Humanos*. Disponível em: <https://goo.gl/qWyR5p>. Acesso em: 9 out. 2017.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

mesma Carta Magna dispõe sobre o Ensino Religioso, ratificando o respeito à diversidade religiosa nas escolas brasileiras:

> O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.[32]

Os ditames legais visam preservar o direito subjetivo de consciência de professar ou não credo religioso. A lei assegura o respeito e a tolerância à diversidade cultural-religiosa no Brasil, sendo proibida nas escolas toda forma de proselitismo.

Essa tendência pluralista e a liberdade de crença religiosa vêm se manifestando rapidamente ao longo do século XX, de modo contínuo, junto com a relativa derrocada do catolicismo, na medida em que protestantes e outros grupos religiosos crescem lenta, mas constantemente, e a formação e consolidação de um campo religioso pluralista intensifica-se na passagem para o século XXI.[33]

Na passagem do século XX para o XXI, explica Andrade, o Brasil foi marcado pela intensificação significativa da diversidade religiosa, quando se consolidou o verdadeiro pluralismo, com penetração de uma multiplicidade de crenças e ritos pertencentes às mais distintas tendências religiosas e seitas.[34] O pluralismo religioso, tendo conhecido tensões, favoreceu o surgimento de novos ciclos de troca com assimilação de novas crenças e ritos, expandindo ainda mais o processo de sincretização. Na concepção de Berger, o pluralismo apresenta efeito secularizador por multiplicar a quantidade de estruturas de plausividade, relativizar o conteúdo dos discursos religiosos concorrente, torna-los assunto privado, subjetivá-los e, em virtude disso, gerar ceticismo e descrença.[35]

Essas novas tendências religiosas não cristãs desafiam ao enfrentamento de transformações, reflexões e práticas nunca antes vistas. É a passagem do cristocentrismo para o pluralismo,[36] a partir da qual um novo horizonte surge para a toda a teologia, convidando todos a uma revisão dos vários tratados do dogma cristão consolidados na cristologia, na

[32] BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 6 fev. 2017.
[33] Cf. STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Interface*, Porto Alegre, a. 12, n. 23, p. 354-393, jan./abr., 2010. p. 356.
[34] Cf. ANDRADE, 2009, p. 109.
[35] Cf. BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade*: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 48.
[36] Cf. VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso*: para uma releitura pluralista do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006a. p. 376.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

eclesiologia e na teologia da missão, entre outras. No Brasil, a diversidade religiosa não chegou de modo diferente do restante do mundo.

> Um olhar sobre a paisagem religiosa brasileira deixa transparecer mudanças significativas nos últimos anos tanto no meio rural, onde as capelinhas de beira de estrada vão dar lugar aos pequenos templos de diversas denominações pentecostais, quanto nos centros urbanos, onde as catedrais católicas e as igrejas paroquiais disputam em ostentação com novos e modernos templos neopentecostais.[37]

O campo religioso do Brasil é marcado pelo Cristianismo, e principalmente pela força do catolicismo. A forma de ser católico no país é bem distinta do modo de inserção do catolicismo em outros lugares.[38] A maioria dos brasileiros é católica, representando 73,6%, seguida de longe pelos evangélicos, com 15,4%, pelos espíritas, com 1,3 %, e pelos praticantes de umbanda, com 0,3%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).[39] No maior percentual de católicos oculta-se muito provavelmente seu receio de assumirem as verdadeiras identidades, o que caracteriza um processo conhecido por sociólogos e muito comum em questões envolvendo raças, quando, por exemplo, participantes de grupos minoritários mentem sobre suas condições, com o objetivo de se enquadrar na maioria. Afinal, o Brasil ainda sofre as dores de um processo de colonização iniciado há 500 anos, período em que sua principal religião foi o catolicismo. O poder da Igreja Católica na Europa tornava o culto de outras crenças quase impraticável, reforçando a intolerância religiosa.

No Brasil, os processos de dupla filiação religiosa, de trânsito e sincretismo são muito comuns. Nem sempre os censos conseguem obter dados reais, e de fato, muitas vezes, há pessoas com mais de um vínculo religioso. A vivência religiosa no país sofreu, nas últimas décadas, mudanças significativas. Alguns aspectos do novo perfil devem-se à multiplicação dos grupos orientais, à afirmação religiosa afro-brasileira, ao fortalecimento institucional dos movimentos católicos de renovação carismática, às expressões espiritualistas e mágicas que se configuram em torno da Nova Era e ao crescimento evangélico, principalmente das igrejas e movimentos pentecostais.[40] Essas expressões, além de outras, formam um quadro complexo das mais diferenciadas matrizes.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR Faculdade Unida de Vitória

[37] STEIL, 2010, p. 355.
[38] Cf. TEIXEIRA, Faustino. Pluralismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 27-32, 2005. p. 29.
[39] Cf. IBGE. *População residente por sexo, por situação de domicílio, sexo, grupos de idade e religião*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2103>. Acesso em: 26 out. 2017.
[40] Cf. RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *A Teologia da libertação morreu?*: Reino de Deus e espiritualidade hoje. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 12.

A crescente intolerância do atual cenário religioso brasileiro foi acirrada com a guerra dos pentecostais contra os afro-brasileiros. Teve início uma ruptura com a integração vertical ou assimilação hierárquica, que substituiu a tolerância complacente pelo confronto, mas, ao mesmo tempo, instaurou a diferença e o individualismo, pilares da intersubjetividade e do diálogo.

Contudo, essa movimentação, num leito social esculpido pela ação da matriz cultural católico-sincrética, não produz rompimentos generalizados, mas neutraliza os polos de tensão, sincretismo e tolerância, tecendo uma conjuntura de competição equilibrada.[41] Esse contexto tem como resultado a homogeneização do discurso e da ação religiosa, bem como o surgimento de novos sujeitos religiosos, expressos por estruturas similares, e a padronização de bens e serviços oferecidos por instituições religiosas em atendimento à demanda dos fiéis-clientes.

A relevância numérica dos novos sujeitos religiosos no Brasil cresceu a partir da década de 1980, quando migraram do meio rural para os centros urbanos e, de baixo para cima, os pentecostais, neopentecostais e movimentos fundamentalistas instalaram-se entre os protestantes, chegando, em 2010, a 42,3 milhões de pessoas. Desde 1989, gradualmente, esses fiéis conquistaram o espaço público e, se antes se limitavam a evangelizar e a destacar a necessidade de mudança, agora têm como foco o alcance do *status* de religião pública.[42]

A Assembleia de Deus dispõe de um quadro eclesiástico com mais de 65 mil ministros do evangelho, além dos pregadores e missionários leigos, em cerca de 300 mil templos. A Igreja Católica, cujo número de fiéis corresponde a 64% da população, de acordo com o censo de 2010, conta com apenas 123 mil padres. Os demais grupos religiosos, incluindo espíritas kardecistas, afro-brasileiros e outros grupos não especificados no censo, representavam apenas 2,9%. Mesmo com a tradicional duplicidade religiosa entre kardecistas e afro-brasileiros e o catolicismo, que conduz os adeptos a se declararem católicos em levantamentos oficiais, dificilmente a presença católica estaria abaixo dos 80% até a penúltima década do século.[43]

Esse crescimento das novas tendências ocorreu com o fim do monopólio católico no país e a consequente abertura para a diversificação religiosa explícita. Foram introduzidos

[41] Cf. SILVEIRA, Emerson José Sena da. O discurso religioso na sociedade pós-secular: notas reflexivas e indícios impertinentes. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs.). *Religião e sociedade (pós) secular*. São Paulo: Academia Cristã; Vitória: Editora Unida, 2014. p. 102.
[42] Cf. BREPHOL, Marion. Estado laico e pluralismo religioso. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 127-144, jan./abr., 2016. p. 136.
[43] Cf. NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago., 2008. p. 167-168.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

diferentes sistemas religiosos, com destaque para a vertente protestante e o espiritismo kardecista, que paulatinamente conquistaram segmentos cada vez maiores da população.[44]

Os protestantes não crescem apenas convertendo católicos. Embora estes sejam a sua maior fonte de fiéis, eles crescem também em detrimento dos adeptos de cultos afro-brasileiros: o contingente dos praticantes da umbanda e do candomblé foi ligeiramente reduzido, de 0,4% para 0,3%, entre as datas consideradas.[45] Com isso, o catolicismo perde a hegemonia como sistema religioso e moral inserido na sociedade brasileira. Na seara das práticas, ele se renova, configurando-se como um *locus* de produção de sentidos e crenças para indivíduos e grupos que encontram aí um adequado contexto para a experiência religiosa e moral.[46]

Com a nova presunção teórica da superioridade cristã no Brasil no século XXI, urge a necessidade de uma reflexão à luz da fé e da diversidade religiosa a partir da qual o país se constrói. Ou seja, impõe-se a necessidade do respeito à pluralidade das religiões, com o reconhecimento não apenas de uma religião, mas de várias.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

1.3 A ameaça do fundamentalismo

Como já dito, no limiar do século XXI o Cristianismo confrontou-se com uma experiência histórica nova. Não há mais espaço na sociedade para a mentalidade cristã triunfalista que vigorou no século XX e início do século XXI, quando coincidiram a conquista missionária e a expansão colonial. Nessa época, vigorava uma avaliação pessimista por parte das grandes religiões do mundo. Nos dias atuais com o fundamentalismo, o contexto mudou significativamente.

O fundamentalismo existe em praticamente todas as religiões do mundo. Seus adeptos interpretam os textos sagrados de forma literal, como a única orientação para os diversos aspectos da vida, das relações familiares e sociais à organização política.[47] É um fenômeno mundial, que se configura como exclusivo da religião, mas também abrange os campos político e social. O ponto-chave do fundamentalismo é acentuar um ponto de vista

[44] Cf. ANDRADE, 2009, p. 109.
[45] Cf. ANDRADE, 2009, p. 355.
[46] Cf. ANDRADE, 2009, p. 355.
[47] Cf. APOLINÁRIO, Maria Raquel; KOPEZYNSKI, Manuel Carlos Garcez; ZANCHETTA, Carlos. *O terrorismo*: a ameaça do século XXI. Disponível em: <http://www4.moderna.com.br/pnld2011/download/complementacao_pedagogica/geografia/terrorismo_ameaca_do_seculo_xxi.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.

tido como verdade absoluta e negar princípios do mundo contemporâneo como o pluralismo, a tolerância, o relativismo e a secularização.[48]

O termo fundamentalismo parece ter sido utilizado pela primeira vez em 1920, por Curtis Lee Laws, no jornal batista *Watchman-Examiner*, mas o conceito remonta à série de escritos The Fundamentals, composta de 12 volumes, que gerou uma tiragem de cerca de um milhão de exemplares. Após a Primeira Guerra Mundial o fundamentalismo foi amplamente divulgado na Europa, o que levou a vários conflitos e confissões protestantes, com tendências antissemitas e anticomunistas. O fundamentalismo bíblico ainda é ativo, desde o movimento de protesto contra a *Revised Standard Version*, uma espécie de tradução de unidade para todas as confissões protestantes.[49]

Após a Segunda Guerra Mundial, a intolerância militante, concentrada na leitura bíblica, transferiu a maior parte dos esforços para o campo político: o espírito de missão americana encontrou no comunismo um novo terreno de luta. Os inimigos que o fundamentalismo visa abater são o socialismo,[50] o ateísmo,[51] o espiritualismo,[52] a teologia liberal,[53] o pensamento evolucionista[54] e a crítica aos dogmas bíblicos.[55]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[48] Cf. RODRIGUES, Samuel. *Contributo para a interpretação do fundamentalismo islâmico*. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1660/1/NeD68_SamuelRodrigues.pdf>. Acesso em: 9 out. 2017.

[49] Cf. RODRIGUES, 1993, p. 81.

[50] O socialismo tem sido historicamente definido como programa político das classes trabalhadoras que foram se formando durante a Revolução Industrial e está centrado na eliminação das desigualdades sociais com base na propriedade coletiva dos meios de produção. Em oposição ao capitalismo, o objetivo do socialismo não é o lucro, mas o bem-estar de toda a sociedade, estendendo a todos o direito à saúde, à educação e ao trabalho. Cf. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I.* Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 1196.

[51] Por esse termo se designa uma atitude teórica e/ou prática de negação da existência não somente de um Deus transcendental e pessoal, mas também de qualquer caráter religioso e sagrado da vida e da realidade. Essa negação pode manifestar-se explícita e, às vezes, polemicamente, e se expressa com mais frequência na elaboração de ideias e doutrinas, na constituição de tendências e movimentos, na produção de um costume e de uma mentalidade que não dão nenhuma importância à divindade e não revelam a influência determinante de elementos religiosos. Cf. BOBBIO, 1998, p. 68.

[52] A espiritualidade é definida como um sistema de crenças que engloba elementos subjetivos, que transmitem vitalidade e significado a eventos da vida. Está inserida na humanidade desde sua criação e pode mobilizar energias e iniciativas extremamente positivas e potenciais na busca de um sentido, influenciando na qualidade de vida. Cf. SILVA, João Bernardino da; SILVA, Lorena Bandeira da. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. L*ogos & Existência*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 203-215, 2014. p. 208.

[53] Teologia liberal ou liberalismo teológico, procura a assimilação ao mundo moderno, relativizando e historicizando a pessoa de Jesus Cristo e seu significado para a salvação do ser humano. Era uma teologia apologética em busca da "essência do Cristianismo" a partir do conceito da história, da ética, da existência e da experiência. Mesmo a teologia liberal sendo contestada por outras posturas teológicas, por reações neo-ortodoxas, o racionalismo e o naturalismo também foram determinantes do fazer teológico. Cf. DISSENHA, Piccinelli; RODRIGUES, Sérgio Barbosa; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Produção de conhecimento do ensino religioso no período de 1996 a 2008: uma contribuição para o professor. In: SANCHES, Mário Antonio (Org.). Congresso de Teologia da PUCPR, 2009, Curitiba. *Religião e ciência*: Teologia e as ciências da natureza nos 150 anos da principal obra de Charles Darwin. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteolo gia/2009 />. Acesso em: 9 de out. 2017.

[54] O pensamento evolucionista é uma corrente de pensamento antropológico que utiliza os princípios da Teoria da Evolução das espécies para justificar o desenvolvimento das sociedades. Em conformidade com o

Nas últimas décadas, o fundamentalismo tem permeado a reflexão de pensadores distintos. O termo tem oferecido sustentação à justificação de atitudes religiosas de fanáticos, ao retorno da sociedade pré-moderna ou mesmo às práticas violentas. O surgimento do movimento fundamentalista se insere na Modernidade, com o surgimento da consciência autônoma, histórica e crítica.

Entende-se por Modernidade uma reação, concentrada na razão humana e na ciência, à estrutura de organização medieval, voltada para a autoridade. O fundamentalismo religioso é um movimento crítico às inovações inerentes à Modernidade, a partir de uma narrativa sagrada de um monopólio de interpretação pela religião.[56] O modernismo consagrou ideias que punham em causa a teologia tradicional e propunha uma interpretação inovadora da Bíblia e do dogma, que foi condenada pelo Papa Pio X. Essa reação conservadora originou o antimodernismo, movimento conservador análogo ao fundamentalismo em vários aspectos.[57]

O atentado terrorista da Al Qaeda,[58] que revelou para o mundo a virulência do jihadismo,[59] é um exemplo de expressão desse modo fundamentalista de ser. Após esse acontecimento não se pode mais ingenuamente desconsiderar a interferência da religião na vida política.[60] O livro de Samuel Huntington[61] atraiu a atenção de muitos pensadores para a diversidade cultural do mundo. A maioria dos atentados relaciona-se às religiões, principalmente o Islã.

Outros atentados terroristas aconteceram nas cidades de Madri (Espanha), Báli (Indonésia), Moscou (Federação Russa), Riad (Arábia Saudita), Carachi (Paquistão), Casablanca (Marrocos), Istambul (Turquia), Grã-Bretanha (Londres), Manchester (Estados

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR Faculdade Unida de Vitória

---

evolucionismo social, os grupos sociais começam num estado animalesco e vão alcançando o desenvolvimento, conforme se tornam mais civilizados. Cf. FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antônio. A construção da oposição entre Lamarck e Darwin e a vinculação de Nietzsche ao eugenismo. *Scientiæ Zudia*, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 791-820, 2011. p. 726.

[55] Cf. RODRIGUES, 1993, p. 81.

[56] Cf. PANASIEWICZ, Roberlei. *Fundamentalismo religioso*: história e presença no Cristianismo. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>. Acesso em: 7 out. 2017.

[57] Cf. RODRIGUES, 1993, p. 82.

[58] *A Base* exerce uma expressiva influência sobre outros grupos similares existentes em várias partes do mundo. Cf. APOLINÁRIO, 2011, p. 13.

[59] O termo *jihadista* tem sido usado por acadêmicos ocidentais desde os anos 1990, e mais frequentemente desde os ataques de 11 de setembro de 2001, como uma maneira de distinguir entre os muçulmanos sunitas não violentos e os violentos. Em árabe, a palavra *jihad* significa "esforço" ou "luta". No islã, isso pode significar a luta interna de um indivíduo contra instintos básicos, o esforço para construir uma boa sociedade muçulmana ou uma guerra pela fé contra os infiéis. Cf. APOLINÁRIO, 2011, p. 12.

[60] Cf. BARREIRA, Marcelo Martins. Uma proposta de redescrição neopragmática do religioso na 'sociedade pós-secular'. In: ROSA, 2014, p. 135.

[61] *O choque de civilizações*, do historiador americano Samuel Huntington, é um ensaio incisivo e profético sobre a nova ordem mundial. O autor propõe, nesse livro, uma mudança radical do paradigma que vem sendo utilizado para a compreensão da política internacional. Cf. TRINDADE, João N'Agola. *Resenha de O choque de civilizações*. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/pesquisas/resenha-de-choque-de-civiliza coes-de-samuel-huntington>. Acesso em: 26 set. 2017.

Unidos), Estocolmo (Suécia), Berlim (Alemanha), Bruxelas (Bélgica), Copenhague (Dinamarca), e mostraram o grau de abrangência desses atos.

Outros autores, como Giani Vattimo, apontaram as ingerências políticas de João Paulo II, que contribuíram para a queda do muro de Berlim em 1989.[62] No Brasil, a presença de outras religiões na esfera pública se manteve até recentemente, quando se manifestou a crescente diversidade cultural do brasileiro.

A diversidade religiosa ganha contornos intransponíveis: não só a consciência das várias tradições religiosas é menos fragmentada ou caricatural, como também se apresenta uma consciência mais lúdica da particularidade histórica do Cristianismo no decorrer de toda a história. Nunes explica que a religião se relaciona com a experiência e a história do ser humano, como parte da realidade,[63] que se apresenta como poder e força, quando o indivíduo contemporâneo, diante das mudanças, encontra apoio em sua realização e evolução.

No Brasil, por muito tempo, as pessoas adeptas de outras religiões sofreram sérias perseguições da Igreja Católica e do Estado, que impediam a manifestação de outra crença que não fosse o catolicismo, temendo uma contestação da ideia de um só Estado e uma só religião.[64] Foram necessários muitos anos para que surgissem o pluralismo e a tolerância. Três justificativas reforçam a validade do elo entre esses dois elementos. A primeira, a mais antiga, do período pré-industrial, mostra que já ocorriam conflitos religiosos entre católicos e protestantes, mas não conformistas e anglicanos defendiam a tolerância de práticas religiosas divergentes como um mal necessário, uma situação imposta a uma sociedade que não pode suprimir a dissidência ou julga excessivamente altos os custos sociais da repressão.[65] A segunda se apresenta como meio moralmente neutro de perseguir fins políticos que não se podem alcançar pela democracia representativa tradicional. A versão da segunda justificativa se contextualiza com base no ideal da democracia no Estado de cidadãos, no qual o homem faz suas leis e a elas se submete.[66] Nesse caso, é justa a ordem política em que o povo, na extensão do indivíduo e de sua organização em grupos, desempenha um papel significativo e não apenas simbólico no processo de tomada de decisões políticas.

Essas decisões, no entanto, são tomadas por instâncias democráticas que visam encontrar meios para que os governantes se submetam à vontade dos governados, fazendo

[62] Cf. BARREIRA, 2014, p. 35.
[63] Cf. NUNES, Antônio Vidal. Religação e religião em Xavier Zubiri. In: ROSA, 2014, p. 33.
[64] Cf. FELDENS, Priscila Formigheri. *Preconceito religioso*: um desafio à liberdade religiosa, inclusive expressiva. *Justiça & História*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 1-17, 2006. p. 8.
[65] Cf. OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Pluralismo religioso e identidade: as concepções de ciência, verdade e tolerância/intolerância religiosa e as relações estabelecidas por parte dos kardecistas pernambucanos com os adeptos de outras religiões. *Pensamento Plural*, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 79-103, jan./jun., 2008. p. 85.
[66] Cf. OLIVEIRA, 2005, p. 85.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

emergir o pluralismo e a tolerância. A tolerância é expressa principalmente pela esfera política, que, ao defender a diversidade, absorve as pressões da sociedade, estabelecendo o equilíbrio entre os grupos, posto que vai acomodando suas demandas no Estado pluralista, como soluções.[67] Sendo assim, a pressão entre grupos é vista como algo extremamente salutar ao ambiente democrático.

A terceira justificativa vem da associação entre pluralismo e tolerância, e sustenta que a sociedade pluralista, sendo natural e boa, possibilita a construção de lealdades múltiplas de grupos intrassociais nos quais se mantêm os contatos diretos que lhes sustentam a personalidade e lhes reforçam as atitudes-valores.[68] Com isso, em oposição à diversidade religiosa, estimula-se o fanatismo religioso que, em suas manifestações relativistas, tem como consequência o fortalecimento de um sentimento conhecido como *forasteirismo metafísico*, ou seja, o absoluto desamparo.

A um mundo cujas bases parecem ruir e que não mais oferece esteio seguro de vida reage o fundamentalismo, empenhando-se em preservar o que sempre sustentou a existência humana.[69] Quando o fundamentalismo surgiu nos Estados Unidos, no início do século XX, tornou-se uma maneira de autodesignar a movimentação de oposição às ameaças do mundo contemporâneo.[70] Seu propósito, portanto, sempre foi o de assegurar os elementos basilares da fé.

A neopragmática da função da religião na sociedade pós-moderna é conhecida como sociedade pós-secular, expressão que explica como a religião acompanhou o homem no decorrer da história.[71] A religião sempre teve espaço na sociedade e na vida humana. A pós-secularização refere-se a uma nova estruturação social em que não se admite a existência de realidades contraditórias, ou seja, essencialmente opostas. O que existem são perspectivas contrárias, que não se excluem, mas se enriquecem e se complementam reciprocamente.

A terminologia pós-secular foi utilizada pela primeira vez em 1990 por Fellipo Barbano, no intuito de designar um movimento menos preconceituoso relativo à religião, abandonando a hipótese da secularização. Os fins do século XX foram marcados pelo eclipse da secularização e pelo revigoramento do religioso, chamado por alguns de volta ao sagrado ou revanche de Deus. A partir disso, ampliaram-se as formas de conceber o sagrado, além

[67] Cf. OLIVEIRA, 2008, p. 85.
[68] Cf. OLIVEIRA, 2008, p. 85.
[69] Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. Fé cristã e pluralidade religiosa - onde está a verdade?. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 23-47, 2002. p. 30.
[70] Cf. BRAKEMEIER, 2002, p. 30.
[71] Cf. BARREIRA, 2014, p. 134.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

daquelas traçadas pelos tempos passados[72] e novos desafios surgiram na compreensão das várias formas de expressão e vivência do sagrado.

Para melhor compreensão da utilização da expressão *pós-secular*, e para ampliação das formas de conceber o sagrado, é importante se reportar à perspectiva de mudar a consciência da expectativa do futuro do significado religioso.[73] A expressão *pós-secular* se mantém e se manterá importante mesmo em um entorno secularizado. Na concepção de Habermans, essa mudança é proveniente de três fenômenos: o primeiro, refere-se à condição em que os cidadãos são confrontados com notícias de conflitos em todo o mundo, atribuídos a questões de cunho religioso, bem como com os fenômenos sociais relevantes com a mesma origem. Isso traz insegurança em relação à convicção secularista do previsível desaparecimento da religião e a retira da compreensão secular do mundo do triunfalismo. A consciência do viver e conviver em uma sociedade secular não se relaciona mais com o significado público e pessoal da religião.[74]

O segundo, as comunidades religiosas podem tomar posição pública no que se refere à formação da opinião e da vontade política, em que as decisões e a necessidade de regulamentação política, que envolvem valores, são precedidas de debates sociais nos quais muitos partidos tomam posição, principalmente as igrejas e as pessoas, por motivo religioso, sem conhecimento de onde estão as instituições morais corretas. O terceiro, refere-se à mudança na consciência dos europeus é estimulada pela questão da integração dos imigrantes derivados de países de cultura tradicionalista. Aprender a conviver construtivamente com um pluralismo de formas de vida é um desafio que remete às raízes religiosas de convicções e orientações existenciais dos imigrantes.[75]

Esses fenômenos fizeram com que o diálogo inter-religioso se destacasse,[76] podendo ocorrer de três formas distintas: a primeira, refere-se ao diálogo silencioso da oração: toca por excelência o mistério da gratuidade. Pela oração, convoca-se ao êxodo de si para a comunhão no mistério insondável da transcendência, e por isso ela constitui um real aprendizado de gratuidade, de conversão do coração, de sede de ultrapassagem e de sensibilização para uma proposta de paz.[77]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[72] Cf. CAVALIERI, Edbrande. Abordagem fenomenológica do religioso. In: ROSA, 2014, p. 39.
[73] Cf. LUCHI, José Pedro. O lugar das religiões numa sociedade pós-secular: discussão da perspectiva de Jürgen Habermas. In: ROSA, 2014, p. 95.
[74] Cf. LUCHI, 2014, p. 95.
[75] Cf. LUCHI, 2014, p. 95-96.
[76] Cf. TEIXEIRA, 2005, p. 76-77.
[77] Cf. TEIXEIRA, 2005, p. 76-77.

O segundo, o diálogo da cooperação em favor da construção de um mundo melhor e da edificação da paz. É o diálogo de obras, de solidariedade comum em favor de um mundo mais humano e justo; e o terceiro, o diálogo propriamente dito: é o diálogo mais difícil, pois objetiva relacionar sistemas religiosos que apresentam muitas diferenças. Nesse caso, cada tradição religiosa confronta as crenças singulares, os sistemas doutrinais e teológicos e as experiências espirituais mais profundas da vida dos outros crentes. O diálogo inter-religioso não acontece no mundo abstrato, e nem entre as autoridades institucionais religiosas, mas principalmente no coração dos fiéis de cada religião, que se veem confrontados pela presença das outras religiões.[78]

O diálogo inter-religioso assumiu lugar de importância e sua influência pode ser considerada um aspecto positivo e decisivo para superar os conflitos da sociedade que se impõem pela ausência de uma prática dialógica que considere o respeito, a tolerância e o reconhecimento de questões positivas inerentes às religiões.

O conhecimento é a palavra-chave do diálogo. É preciso conhecer profundamente a própria religião para estar aberto a conhecer a do outro.[79] Com isso, o conhecimento torna-se pré-requisito para o fortalecimento da identidade religiosa e do diálogo inter-religioso na sociedade. Cada religião se apresenta a seus fiéis como a única verdadeira, e quase a única forma de diálogo. No ápice do isolamento das religiões, essa pretensão era acolhida sem questionamentos pelos fiéis, praticamente ignorantes das demais religiões, como explica Vigil.[80]

Na contemporaneidade a mundialização obriga à convivência entre as religiões, em novos contextos, e os crentes descobrem a possibilidade de outras escolhas religiosas, e conhecem praticantes de outras crenças. Com isso, começam a desconfiar da tese exclusivista na qual sempre acreditaram. Ou seja, a ampla convivência entre religiões desencadeia um processo de revisão e reinterpretação de cada crença, de sua unicidade e de sua relação, antes de tudo, no íntimo dos próprios fiéis, o que se denomina intradiálogo.

Antes do diálogo entre as religiões, verifica-se o diálogo dentro das religiões. O diálogo inter-religioso é precedido pelo intradiálogo, do sujeito consigo mesmo, no qual o crente questiona e põe em crise as próprias crenças, aceitando a possiblidade de nova compreensão, nova interpretação e mesmo mudança ou conversão.

[78] Cf. TEIXEIRA, 2005, p. 77.
[79] Cf. KADLUBISTKI, 2012, p. 32.
[80] Cf. VIGIL, 2006a, p. 3.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

Afetadas por essa nova diversidade religiosa, as religiões estão se transformando contínua e silenciosamente no sentimento dos fiéis, antes mesmo que as autoridades decidam mudar ou reinterpretar algum conteúdo, ou entabular conversações de diálogo inter-religioso. Mahatma Gandhi foi o primeiro a dizer que não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões, e não haverá paz entre as religiões se não houver diálogo entre as religiões. [81]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória

[81] Cf. VIGIL, 2006a, p. 41-42.

2 OS PARADIGMAS EXCLUSIVISTA E INCLUSIVISTA

O presente capítulo enseja a reflexão sobre os paradigmas exclusivista e inclusivista. A proposta é explanar como esses paradigmas concebem diferentemente a relação entre as religiões. Com a Contemporaneidade, novos postulados surgiram para melhor compreensão das religiões, e os paradigmas exclusivista e inclusivista expressam essa tentativa de inserção do cristianismo em meio à diversidade cultural, embora tenham que lidar com inúmeras limitações, dados os desafios impostos pelo pluralismo religioso, como visto no capítulo anterior.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

2.1 Paradigma exclusivista

A palavra paradigma tem origem do grego *parádeima*, que significa modelo ou padrão.[82] O paradigma refere-se a um conjunto de crenças ou verdades relacionadas entre si, ou seja, é um modelo ou conjunto de formas básicas e dominantes do modo de se entender o mundo, e a maneira como uma sociedade ou uma civilização percebe, pensa, acredita, avalia, comenta e age, de acordo com uma visão particular de mundo.[83]

Um dos principais intelectuais que trabalhou com o conceito de paradigma foi Thomas S. Kuhn, físico e historiador da ciência. Para ele, o paradigma compreende "as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência".[84] Embora a proposta de Khun se aplique originalmente à atividade científica, sua noção de paradigma ultrapassou os limites da ciência e passou a ser usada em outros contextos, tais como as várias áreas das ciências humanas. O paradigma consiste, portanto, num modelo ou mapa que estabelece as ferramentas conceituais e determina como se compreenderá determinado objeto, estabelecendo os limites de abordagem e as lentes pelas quais esse objeto será visto. É, pois, como paradigmas que se devem compreender o Exclusivismo e o Inclusivismo.

---

[82] Cf. CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins; SANTOS, Vivian Carla Calixto. *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação.* São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 93.
[83] Cf. GOMES, Arnon de Miranda. *Testemunha dos primeiros passos*: identidade cristã latino-americana e o paradigma pluralista em José Maria Vigil. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. p. 37.
[84] GOMES, 2010, p. 37.

A palavra exclusivismo implica de si uma carga semiótica dupla: quem exclui e quem é excluído. Com efeito, do latim originariamente, *exclaudere* significa fechar, expelir. Encerrar algo para usufruto de alguns e por extensão impedir o usufruto de outros.[85] Karl Barth (1886-1968), é apontado como uma figura típica e simbólica do posicionamento evangélico exclusivista; mesmo não sendo um fundamentalista protestante, opõe revelação e religião, negando que a religião possa ser o canal de revelação.[86] Barth resgatou a teologia do reformador francês João Calvino (1509-1564), relendo-a em conformidade com as categorias do início do século XX. A teologia liberal protestante é fortemente antropocêntrica em seus fundamentos. Em reação contra esse antropocentrismo, Barth fortalece seus ideais rumo à transcendência de Deus, entendido como *Das Andere, o Totaliter Aliter* (Totalmente outro), que se revela na pessoa de Jesus Cristo. A partir de tal perspectiva, toda religião é um projeto falido, fadado ao fracasso, pois é esforço humano para se achegar a Deus.[87]

> O posicionamento do teólogo da Basileia em relação às outras religiões não era tão fechado como em geral se pensa, a teologia da revelação de Barth não permite espaço para se pensar em outros termos que não sejam os do Exclusivismo religioso; pois, em seu programa teológico, Barth contrasta revelação e religião: o Cristianismo é o depositário da revelação de Deus em Cristo, enquanto a religião nada mais é que a tentativa humana de operar sua própria salvação.[88]

Para Barth a religião é a relação que as pessoas instauram com o poder divino por suas próprias forças, ou seja, uma maneira de manipular Deus, enquanto a fé é a relação que Deus instaura gratuitamente. A religião é obra do homem, e a tarefa humana é a supressão de toda religião. A fé é a invalidação radical de tudo o que é humano: experiência, saber, posse e atividade. Se não for a partir do Cristianismo, a religião se caracteriza como trevas e afastamento do divino.[89]

Até o início do século XX, o paradigma exclusivista, também chamado de eclesiocentrismo, foi a principal base da teologia do Cristianismo, ainda na atualidade considerado uma das grandes religiões, predominando na maior parte dos círculos católicos,

[85] Cf. AZEVEDO, Sílvio. *Teologia das Religiões*: Rumo a um inclusivismo bíblico. Rio Grande do Sul: Clube de Autores, 2015. p. 66.
[86] Cf. FERNANDES, Pedro Júlio Triana. *Que é a verdade? (Jo 18,38):* uma breve aproximação à teologia do pluralismo religioso desde a perspectiva latino-americana. Disponível em: <http://dasp.org.br/codigos/artigos/Quee_e_a_verdade_Uma_breve_aproximacao_a_teologia_do_pluralismo_religioso.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.
[87] Cf. CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Diálogo inter-religioso: perspectivas a partir de uma teologia protestante. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 112-133, jan./mar., 2017. p. 116.
[88] CALDAS FILHO, 2017, p. 116.
[89] Cf. FERNANDES, 2010, p. 4.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

protestantes e ortodoxos.[90] O termo tem origem na palavra *Cristo*, que significa Messias, pessoa consagrada e ungida. E a palavra Messias, do hebraico *mashiah*, significa *o salvador* e foi traduzida para o grego como *khristos* e para o latim como *christus*. O nascimento do Cristianismo confunde-se com a história do Império Romano e com a história do povo judeu, no primeiro século da Era Cristã. Na origem, o Cristianismo, apontado como seita surgida do judaísmo, foi perseguido.[91]

O Cristianismo vive um momento novo em sua história. As outras religiões do mundo nunca estiveram tão próximas, e consequentemente o reconhecimento mútuo do valor próprio de cada uma delas é inevitável. Essa proximidade possibilita um conhecimento cada vez mais claro das riquezas de cada religião.[92]

O Cristianismo, ao se combinar ao mundo em expansão, como religião popular, confere ao indivíduo, na sua comunidade, um substituto dos pequenos grupos e da família, quando estes se desagregam. É um fato que as populações menos favorecidas ou ameaçadas de empobrecimento constituem um meio social favorável mais receptivo ao desenvolvimento de missões religiosas.[93]

Apontado como filosofia de vida, o Cristianismo é o traço que mais fortalece e caracteriza a sociedade ocidental. Há dois mil anos, essa filosofia permeia a história, a literatura, a filosofia, a arte e a arquitetura da Europa. Na verdade, pode-se dizer que a cultura ocidental relaciona-se estreitamente com o Cristianismo, de tal forma que seria impensável compreender uma sem o outro. Caso o Cristianismo desaparecesse, provavelmente o Ocidente também deveria ser reinventado. Conhecer o Cristianismo, portanto, é pré-requisito para o entendimento da sociedade e da cultura em que se vive, explicam Hellern, Notaker e Gaarder.[94] Foi o Cristianismo que divulgou pelo mundo a crença na providência. Os cristãos assumiram a antiga crença judaica, expressa na Bíblia, de que Deus continua envolvido em sua obra de criação, dando-lhe continuidade.[95] Mesmo que tal crença apareça sob novas formas, e em alguns casos, até de forma secularizada, ela inevitavelmente está presente no tecido da cultura ocidental.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

---

[90] Cf. PUC-RIO. *Pluralismo religioso e cristologia*. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/2 532 8/25328_4.PDF>. Acesso em: 9 out. 2017.
[91] Cf. FREITAS, Sueli Maria de. A dimensão política da ação social na Igreja Contemporânea em Goiânia. *Vox Faifae*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2009. p. 4-5.
[92] Cf. SILVA, Carlos Antônio da. *Cristianismo e pluralismo religioso*: o face a face das religiões na obra de Claude Geffré. 2009. 231 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. p. 11.
[93] Cf. MACEDO, 1989, p. 63.
[94] Cf. HELLEN, 2000, p. 137.
[95] Cf. HELLEN, 2000, p. 147.

Até a metade do século XX, a posição teológica hegemônica no Cristianismo foi o Exclusivismo. O paradigma exclusivista contempla a salvação e se subdivide em duas perspectivas relacionadas: o Exclusivismo cristológico, também conhecido como cristocentrismo, e o Exclusivismo eclesiológico ou eclesiocentrismo.[96] Para o catolicismo, a Igreja é a única depositária da verdade absoluta e da salvação, com caráter de validade particular e universal para todos os tempos e povos. E aqueles que não fazem parte dela estão no erro e na ignorância religiosa. O Exclusivismo cristológico postula Jesus Cristo como o único caminho pela qual é possível alcançar a salvação.[97] É o tipo de entendimento que aceita a salvação em outras religiões, negando-lhes, porém, autonomia salvífica, por causa da unicidade e da universalidade da salvação de Jesus Cristo. O Exclusivismo eclesiológico reconhece que a religião cristã se expressa numa Igreja entendida como a única verdadeira.

Nesse sentido, o Exclusivismo é o paradigma que assegura que só se alcança a salvação pela profissão de fé em Jesus Cristo, professada na Igreja Católica.[98] O Exclusivismo destaca a própria fé cristã como a única verdadeira, e isso implica que estão vedados a outra religião a capacidade de compartilhar a verdade e o acesso à transcendência de forma equivalente.[99] Ressalta também a confissão da própria fé ou a afirmação da posição religiosa pessoal. Para os exclusivistas, nesse sentido, as outras religiões são "diversos graus de erros e confusão ou vinculadas ao poder do mal".[100] Esse Exclusivismo pode ser absoluto quando as demais tradições são compreendidas como aquelas que contemplam o mal.

A postura clássica eclesiocêntrica exclusivista é identificada no axioma *extra Ecclesiam nulla salus* (fora da Igreja não há salvação), como já visto. Esse pressuposto remonta à época de Cipriano de Cartago, no ano de 258, e visava os hereges cristãos, mas não as outras religiões. O discurso voltou a ser apreciado pelo Papa Bonifácio VIII, na bula *Unam Sanctam*, de 1302,[101] que elucidava: "Fora da Igreja Católica não há nem salvação, nem remissão dos pecados" e é "absolutamente necessário para a salvação toda criatura humana sujeitar-se ao Pontífice Romano".[102]

---

[96] Cf. PUC-RIO, 2010, p. 71.
[97] Cf. PUC-RIO, 2010, p. 71.
[98] Cf. PUC-RIO, 2010, p. 72.
[99] Cf. VILLASENOR, Rafael Lopez. Paradigmas teológicos perante o diálogo inter-religioso. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. 25, n. 89, p. 172-197, jan./jun., 2017. p. 183.
[100] PAINE, Scott Randall. Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Brasília, a. 1, n. 1, p. 100-110, 2010. p. 100.
[101] A Bula *Unam Sanctam*, datada de 18 de novembro de 1302, estabelece que o governo perfeito só poderia ser feito por um uma única pessoa que centralizasse todos os poderes. Cf. OCKHAM, Guilherme de. Sobre o poder dos imperadores e dos papas. In: OCKHAM, G. *Obras políticas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 162.
[102] VILLASENOR, Rafael Lopez. Para uma teologia do pluralismo religioso: visão tripartite. *Ciberteologia*, São Paulo, a. 7, n. 34, p. 135-148, 2011. p. 136.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

João Batista Libanio revela que fatos históricos e culturais questionaram o Exclusivismo, como, por exemplo, as grandes descobertas e a conscientização rumo a uma liberdade religiosa, além da responsabilidade humano-existencial. No protestantismo, o Exclusivismo adquire uma forma não eclesiocêntrica, porém centrada no tríplice princípio *sola fide, sola gratia, sola scriptura* (somente a fé, somente a graça, somente a escritura).[103] Para o protestantismo, sem esse tripé, não há salvação.

O axioma *extra Ecclesiam nulla salus* revela uma visão rígida, preconceituosa e a plena convicção de que a cultura religiosa ocidental da fé católica é superior a todas as religiões.[104] Tal axioma foi reafirmado pelos cânones dogmáticos do Concílio do Trento[105] contra a Reforma Protestante, iniciada por Martin Lutero.[106] O objetivo da retomada desse posicionamento era manter a hegemonia católica, para condenar as demais religiões e igrejas, afastando dos fiéis o perigo de as procurar.

Em 1864, o Papa Pio XI publicou a encíclica *Quanta Cura*, considerada a mais polêmica do pontificado. Nessa encíclica há um anexo *Syllabus Errorum* (Lista de Erros),[107] que dispõe oitenta pontos compreendendo os principais erros da época.[108] O *Syllabus* era um documento que dava aos católicos um guia e uma norma segura para se precaver contra doutrinas errôneas e perniciosas que o liberalismo moderno pretendia infiltrar na sociedade, como princípios novos, reclamados pelo progresso da ciência e da civilização.[109] O texto condena todos os erros inerentes à fé, aos inimigos da Igreja, à liberdade de culto e de consciência.

No apêndice da encíclica *Quanta Cura*,[110] ainda em 1864, que acompanhava o *Syllabus*, acrescentou-se: "Não há salvação fora da Igreja de Deus e esta é a católica", porque

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[103] Cf. LIBANIO *apud* GOMES, 2010, p. 41.
[104] Cf. VILLASENOR, 2011, p. 163.
[105] Esse Concílio teve três fases: a primeira, de 1545 a 1551; a segunda, em 1551 e 1552; finalmente, foi concluído entre os anos de 1562 a 1663, reformando a doutrina católica e introduzindo mudanças. A Igreja precisava se reformar para sobreviver. O Concílio de Trento foi o resultado de uma das ações da Igreja Católica contra as chamadas Reformas Protestantes; foi o reformador diante dos vários problemas internos que grassavam pela instituição da Igreja Romana e foram potencializados pelo advento das igrejas protestantes oriundas das reformas religiosas do século XVI. Cf. VILLASENOR, 2011, p. 137.
[106] Martin Lutero iniciou a Reforma Protestante, em que contestou os dogmas da Igreja Católica. Em 31 de outubro de 1519, Lutero afixou na porta da Igreja de Wittenberg as 95 teses que criticavam os vários pontos da doutrina católica. Entre elas, figuravam a condenação da venda de indulgências e o culto às imagens, além do repúdio ao celibato e a declaração da salvação do homem mediante a fé. Cf. VILLASENOR, 2011, p. 137.
[107] *Silabos* significa coletânea ou sentenças. COLETÂNEA. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ coletanea/>. Acesso em: 9 ago. 2017.
[108] Cf. VILLASENOR, 2011, p. 137.
[109] PANASIEWICZ, 2008, p. 8.
[110] A encíclica *Quanta Cura* rejeitava qualquer tipo de liberdade que ultrapassasse os limites da política ultramontana de uma maneira inflamada. Cf. BATISTA, Carolina de Almeida. *Quanta Cura (1864) de Pio IX e Rerum Novarum (1891) de Leão XIII*: posicionamentos frente à questão social. Disponível em:

"a Igreja Católica é a única verdadeira religião".[111] De acordo com essa linha de raciocínio, aqueles que não se integram à Igreja Católica estão afastados da graça da salvação e da vida divina. Os que vivem fora da Igreja estão em situação de precariedade espiritual, no caminho do erro, e receberão a condenação. Deveriam buscar aproximação, pois ela é a única fonte segura e plena de salvação.

Na publicação do Catecismo Maior, ou de São Pio X, pelo Papa Pio X, em 1905, foram reveladas verdades sobre os dogmas católicos, com perguntas e respostas, com foco na exclusividade da salvação para os católicos e sua negação às outras religiões.[112] Em 1907, o Papa Pio X publica a encíclica *Pascendi dominici gregis*, cujo conteúdo condena o modernismo, apontando-o como a causa de todas as heresias.[113]

O Concílio Vaticano II, iniciado em 1962 e concluído em 1965, foi conduzido em sentido inverso ao do Vaticano I. O Concílio abriu um caminho para o diálogo e a colaboração, seguindo as teses fundamentais do Cristianismo, principalmente no que se refere ao caráter único da mediação de Jesus.[114] O Concílio é uma afirmação do Novo Testamento, que revela a universalidade da vontade salvífica de Deus vinculada à obra redentora de Jesus Cristo como o único mediador.

Com o diálogo e a colaboração, o Concílio Vaticano II, juntamente com outras religiões, buscou testemunhar a fé e a vida cristã. O Concílio facilitou a abertura teológica, o que favoreceu o surgimento do diálogo, num expressivo passo na tradição cristã.[115] O principal fundamento do diálogo inter-religioso está na convicção da universalidade da graça de Deus, da gratuidade do Deus sempre maior e do mistério do Deus que dá a salvação.

Com a abertura dialógica do Concílio, reconheceu-se que as demais religiões podem descobrir 'um raio daquela Verdade que ilumina a todos os homens', e encontrar a 'semente do Verbo', segundo São Justino, mártir do século II. Elas representam, atreladas às culturas dos respectivos povos, uma 'preparação evangélica' e uma 'pedagogia de Deus para Cristo'. A visão da semente do Verbo é que a manifestação de Deus se dá mediante o Verbo (*Logos*), não limitada à economia cristã. Ela aconteceu antes da encarnação do Verbo entre os gregos e

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR

<http://www.encon tro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340231740_ARQUIVO_anpuhmg.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2017.

[111] VILLASENOR, 2011, p. 138.
[112] Cf. VILLASENOR, 2017, p. 184-185.
[113] Cf. PANASIEWICZ, 2008, p. 8.
[114] Cf. VILLASENOR, 2011, p. 138.
[115] Cf. VILLASENOR, 2011, p. 138.

judeus. Todos os que viveram segundo o Verbo merecem o nome de cristãos. Uma semente *Logos* encontra-se em cada pessoa, pois o *Logos* semeador semeia em todos.[116]

As sementes do Verbo estão presentes nas tradições e culturas dos povos indígenas da América e se destacam pelo documento de Aparecida, voltado para o sentido comunitário da vida, da existência cotidiana e da milenária experiência religiosa, que dinamiza as culturas, chegando à plenitude na revelação do verdadeiro rosto de Deus por Jesus Cristo. São considerados sinais das sementes a perspectiva da fé; são valores e convicções os frutos das sementes do Verbo, que já existiam e já operavam em seus antepassados.[117] Em todas as culturas do mundo há centelhas, fagulhas da "verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem".[118]

Essas teorias provocaram divisões entre teólogos e também desconforto em alguns ambientes eclesiásticos, trazendo à tona questionamentos contra a reivindicação do Cristianismo. O Concílio Vaticano II foi uma resposta que a Igreja Católica deu a si mesma e à sociedade diante dos questionamentos oriundos de argumentos inerentes à Modernidade. Teixeira afirma que o Concílio Vaticano II de fato abriu o caminho para uma avaliação mais fundamentada e positiva das tradições religiosas da humanidade, mesmo sem ter elaborado uma teologia própria das religiões,[119] pois dedicou certa ética ao diálogo inter-religioso.[120]

Quanto a isso, vale ressaltar o sentido da expressão 'subsiste[121] na Igreja Católica', inserida no Concílio Vaticano II. Significa que a Igreja de Cristo também está na Igreja, mas não apenas nela, até porque fora da visível estrutura também se encontram vários elementos de santificação e verdade, que, como dons próprios da Igreja de Cristo, impelem à unidade católica.[122]

O Exclusivismo religioso não é mais aceitável ou justificável. Cada vez mais fiéis religiosos de qualquer crença percebem que sua própria religião não pode ser a única verdadeira. Em muitos contextos já não se aceita o antigo Exclusivismo no qual 'fora da nossa religião não há salvação'. A rejeição do Exclusivismo se tornou comum em meados do século XX, abrindo espaço para as propostas alternativas do chamado Inclusivismo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

---

[116] Cf. VILLASENOR, 2011, p. 143.
[117] Cf. VILLASENOR, 2017, p. 189.
[118] TEIXEIRA, 1998, p. 48.
[119] Cf. TEIXEIRA, 1998, p. 48.
[120] Cf. VILLASENOR, 2017, p. 174-175.
[121] A palavra 'subsistir' significa existir e permanecer, ou seja, continuar existindo, manter-se. Expressão que indica a ligação entre a estrutura visível da Igreja Católica e a Igreja de Cristo. É uma frase entendida de maneira positiva. Não se refere a 'exclusividade', mas inclui outras igrejas, além dos limites da organização visível. Cf. VILLASENOR, 2017, p. 186.
[122] Cf. VILLASENOR, 2017, p. 185-186.

2.2 Paradigma inclusivista

O paradigma inclusivista ou cristocentrismo surge como novo modelo para a teologia em meados do século XX, com ideais mais abertos. Tem como traço singular a atribuição de valor positivo às outras religiões e o seu reconhecimento como mediadoras de salvação para seus membros.[123] O Inclusivismo admite a possibilidade de que, pelos muitos e misteriosos caminhos de Deus, a salvação aconteça fora dos limites do Cristianismo.[124]

O entendimento inclusivista supõe que a verdade e a salvação, ainda que plenamente presentes em determinada religião, também se fazem presentes de modo mais ou menos imperfeito ou deficiente nas outras religiões, como participação da verdade presente na única religião verdadeira.[125] No Inclusivismo as religiões do mundo são caminhos de salvação, desde que impliquem a salvação de Jesus Cristo. Gomes afirma: "Mediante o seu Espírito, Cristo se faz presente e ativo no crente não cristão, operando para além dos limites visíveis da Igreja, tanto na vida individual como nas diversas tradições religiosas".[126]

O católico Karl Josef Erich Rahner (1904-1984) é considerado uma figura típica do paradigma inclusivista, com sua famosa tese dos cristãos anônimos, segundo a qual os não cristãos serão salvos pela graça e presença de Cristo, que age no anonimato entre suas religiões. Ou seja, para Rahner esses não cristãos, além de demonstrarem elementos de uma crença natural em Deus, trazem consigo traços concretos da graça doada por Deus ao homem em Jesus Cristo. Portanto, os cristãos não apenas podem, mas devem considerar outras religiões como legítimas e como caminhos de salvação.[127]

Rahner parte de uma teologia da graça: toda salvação é dom gratuito e misterioso da graça de Deus, que antecede a experiência da salvação e a própria busca pela salvação. O ser humano busca o que Rahner chama de existencial sobrenatural, e essa busca em si já é iniciativa da graça divina em atuação no coração humano. A teologia de Rahner tem raiz remota no conceito de logos *spermatikos*, a *semina Verbi*, semente do Verbo.[128]

Outro elemento decisivo na contextualização de Rahner é sua abrangência da doutrina da graça e seu entendimento de textos como 1 Timóteo 2.4: "Ele (Deus) quer que todos sejam salvos e venham a conhecer a verdade". Para Rahner, não será a pertença

[123] Cf. GOMES, 2010, p. 42.
[124] Cf. CALDAS FILHO, 2017, p. 116.
[125] Cf. LIMA, Adriano Sousa. O pluralismo religioso como paradigma da teologia no século XXI. *Identidade*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 80-94, jan./jun., 2014. p. 87.
[126] GOMES, 2010, p. 41.
[127] Cf. FERNANDES, 2010, p. 5.
[128] Cf. CALDAS FILHO, 2017, p. 116.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

institucional ao *corpus christianum* que definirá a vivência da salvação. Sua posição inclusivista foi, por um lado, bastante influente, mas ao mesmo tempo recebeu e ainda recebe muitas críticas. Seu entendimento desagrada tanto os exclusivistas mais tradicionais como os pluralistas não conservadores. Para o exclusivista, a visão de Rahner é aberta demais, e para o pluralista, não é tão aberta quanto deveria ser.[129]

Rahner também enfrenta a oposição da inversão do argumento: se há cristãos anônimos, pode haver também muçulmanos anônimos ou budistas anônimos. Mas não há dúvida de que o ponto de vista inclusivista é um avanço, por assim dizer, em relação ao Exclusivismo, apesar de que, segundo o paradigma inclusivista, "todas as religiões são boas, mas a minha é a melhor".[130]

Entre os teólogos católicos, o paradigma inclusivista é na atualidade o mais adotado, mesmo que contemple em seu mesmo horizonte cristocêntrico posições diversas e até mesmo contrastantes. O pensamento do paradigma inclusivista acredita que a fé cristã é uma luz especial[131] e compreende que a religião deve representar, de maneira implícita, a essência da verdade e dos valores positivos de outras tradições. É o tipo de pensamento que, diferentemente do pluralismo, se articula dentro de uma dada tradição, com o objetivo de abrir a perspectiva teológica a um horizonte mais inclusivo, mas sem deixar de aderir à religião em questão.[132]

A guinada rumo ao Inclusivismo na teologia católica surgiu alguns anos antes do Concílio Vaticano II, revelando o Cristianismo vem a ser o cumprimento, a consumação, a plenitude de todas as religiões. Mesmo que as outras religiões continuem sendo naturais, elas preparam para o acolhimento do evangelho.[133] Mesmo que tenha avançado com o Inclusivismo, a teoria do cumprimento consagra que ser preparação evangélica é o máximo que se pode reconhecer nas religiões não cristãs.

O pluralismo afeta as religiões em sentido global – propondo um teocentrismo[134] e compreendendo que a atividade das religiões é mais objetiva, até secular e não crente – e busca, em termos filosóficos, sociológicos, antropológicos, psicológicos, fenomenológicos ou

[129] Cf. CALDAS FILHO, 2017, p. 116-117.
[130] CALDAS FILHO, 2017, p. 117.
[131] Cf. GOMES, 2010, p. 42.
[132] Cf. PAINE, 2010, p. 101.
[133] Cf. LIMA, 2014, p. 87.
[134] O teocentrismo, do grego *theos* (Deus) e *kentron* (centro), é a concepção segundo a qual Deus é o centro do universo, tudo foi criado por ele, é dirigido por ele e não há outra razão além do desejo divino sobre a vontade humana. Essa ideia foi muito propagada durante a Idade Média, quando as pessoas justificavam as suas condições de vida pelo querer divino. Se alguns tinham mais que outros, isso deveria ser "aceito", por se tratar da vontade divina. Cf. DICIONÁRIO INFORMAL. *Teocentrismo*. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/t eoc entrismo/>. Acesso em: 8 de ago. 2017.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

históricos, descrever e compreender o sentido e a origem da pluralidade das formas religiosas. A visão pluralista mais moderada acredita na visão teocêntrica como prometedora da mais válida reinterpretação da doutrina cristã e de um diálogo religioso mais autêntico. No entendimento de Hans Küng, todas as religiões contêm verdades, e se uma religião é verdadeira, não exclui a existência de verdades em outras religiões ou a "possibilidade de as outras religiões virem complementar, corrigir e aprofundar a religião cristã".[135]

Hick explica que abandonar simplesmente a reivindicação de superioridade religiosa significa ultrapassar um ponto crítico, adentrando um novo território a partir do qual o campo inteiro da verdade cristã está fadado a ter feições diferenciadas. Isso porque, no outro lado dessa linha divisória, o Cristianismo é visto em um contexto pluralista como uma das grandes religiões universais, uma das correntes de vida religiosa pelas quais o homem pode ser salvificamente relacionado com aquela Realidade última conhecida pelos cristãos como o Pai Celestial.[136]

Na concepção de Vigil, na atualidade, os ocidentais conhecem mais das outras religiões do que em qualquer outra época:

> estamos vivendo hoje uma nova experiência espiritual. Há um Espírito Novo, rondando-nos, desafiando-nos, a cada dia, em múltiplos gestos, de reflexões, de novas práticas... Estamos passando do cristocentrismo ao pluralismo. Há medo, há resistência... e ao mesmo tempo há atração, clareza, e até uma evidência que vai se impondo lenta mas irresistivelmente. É um 'kairos', um ponto de inflexão importante que vai introduzir mudanças muito profundas: uma nova época que sucederá a dezenove séculos de Exclusivismo e apenas um de cristocentrismo. É muito importante estarmos atentos a este kairós. Temos que rastrear o espírito que o anima, para discerni-lo e servi-lo.[137]

Essa amplitude de conhecimento religioso e profundas mudanças recebem a contribuição da Ciência das Religiões, e no campo da filosofia e da antropologia a cultura religiosa tem sido cada vez mais tematizada. A teologia cristã também tem feito parte do campo de pesquisa das demais religiões, e na atualidade o pluralismo se impõe como contexto inovador para a melhor compreensão religiosa.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[135] KÜNG *apud* VILLASENOR, 2017, p. 145.
[136] Cf. HICK, 2010, p. 23.
[137] VIGIL, José Maria. Cristologia da libertação e pluralismo religioso. In: TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Orgs.). *Pluralismo e libertação*: por uma teologia latino-americana pluralista da libertação a partir da fé cristã. São Paulo: Paulinas, 2006b. p. 318.

2.3 Exclusivismo e Inclusivismo: uma avaliação

O paradigma exclusivista foi hegemônico durante a maior parte da era cristã, foram dois mil anos de Exclusivismos, perdendo sua hegemonia nas últimas décadas do século XX. Não obstante, o Exclusivismo não é um bloco monolítico onde prevalecem pretensões salvíficas monopolistas, não existe um Exclusivismo, mas vários.[138]

O paradigma inclusivista substituiu àquele exclusivismo/eclesiocentrismo multissecular, ou seja, anos de existência,[139] tanto que sua história percorreu a longa história no Cristianismo. O princípio mais importante deste paradigma é a conjunção de dois outros princípios: a vontade salvífica universal de Deus e a salvação somente por meio do ministério de Jesus. Contudo, esta hibridez ainda não dá conta da singularidade do Inclusivismo se comparado com as outras abordagens, já que o Exclusivismo sustenta ambos. O que difere é que no Inclusivismo a salvação somente por meio de Cristo não precisa ser algo sobre o que os adeptos salvos das outras religiões tenham consciência.[140]

Com respeito à visão em que, embora Jesus seja o único salvador do mundo, a pessoa não precisa crer no evangelho para ser salvo, é preciso dizer que o Inclusivismo concorda com o Exclusivismo quanto a Jesus ser o único salvador da humanidade: nenhum ser humano será jamais salvo do pecado e do inferno por nenhum outro a não ser por Jesus. Mas Exclusivismo e Inclusivismo dissentem quanto à necessidade de pessoas não salvas precisarem confiar em Jesus para a salvação

Em outras palavras, no campo ontológico: só há salvação em Jesus Cristo; mas não há concordância no campo epistemológico: não é necessário que a pessoa que é salva creia nele, ou sequer tenha ouvido seu nome alguma vez na vida. Com isso, tem-se nesse caso a marca singular do Inclusivismo. Contudo, isto ainda não basta, pois precisamos distinguir entre dois Inclusivismos: o Evangélico-pentecostal e o Católico. Também já foi comentado que o Inclusivismo Evangélico é de cunho soteriológico, que é a parte da teologia que estuda a salvação da humanidade, e o Católico eclesiológico. Sendo assim, na modalidade inclusivista Evangélico-pentecostal os não cristãos são salvos por Cristo, mas não tomam conhecimento disto.[141]

A citada salvação ocorre sempre por meio de Cristo, mas o instrumento pode ser o Espírito, que, para esta concepção, atua fora dos limites da Igreja, ou pode ser através da

[138] Cf. AZEVEDO, 2015, p. 66.
[139] Cf. VIGIL, 2006b. p. 164.
[140] Cf. AZEVEDO, 2015, p. 67.
[141] Cf. AZEVEDO, 2015, p. 116.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

revelação natural, que, para alguns inclusivistas, tem função positiva: é suficiente para guiar as pessoas para Deus. No caso Católico Romano, além de todas estas razões, os gentios[142] são salvos por Cristo também indiretamente, por meio do papel sacramental da Igreja.[143]

O Exclusivismo e o Inclusivismo guardam pontos em comum. O paradigma inclusivista não deixa de ser um Exclusivismo moderado, por tolerar as outras religiões e admitir nelas alguma presença da salvação. No entanto, continua mantendo o Exclusivismo e mantendo a Igreja Católica no patamar máximo da salvação. Para Hick, o Inclusivismo ainda é refém do antigo imperialismo teológico, que restringe a salvação ao âmbito cristão.[144]

Sendo assim, as religiões do mundo são caminhos da salvação, desde que esta seja em Jesus Cristo. Essa posição relaciona a dinâmica da salvação presente nas outras religiões à ação do Espírito Santo, e por isso se revela como cristocêntrica.[145] Em todas as religiões o Cristianismo está presente e todas as religiões não cristãs vão ao encontro do Cristianismo, por conterem parcialmente os ensinamentos divinos tornados visíveis em Jesus Cristo. O Cristianismo católico, como também o protestante, tem o Inclusivismo como posicionamento majoritário.

Como é possível observar, a diferença entre o Inclusivismo e o pluralismo está na abordagem. O Inclusivismo se articula em uma dada tradição, com o objetivo de abrir a perspectiva teológica para um horizonte mais inclusivo, sem deixar de lado a adesão à religião em debate. A crença na existência da unicidade revelada de Jesus vem de uma corrente teológica que não é nem exclusivista nem inclusivista[146] e preconiza: "Jesus vem se afirmando como único, mas de uma unicidade caracterizada por sua capacidade de incluir e ser incluído com outros personagens religiosos únicos. Sem Jesus não faltaria a graça de Deus e sim a manifestação decisiva da mesma".[147]

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[142] Os gentios eram todos aqueles que não aceitavam que Deus se tivesse revelado aos judeus, permanecendo eles então na idolatria Na Bíblia o povo não-judeu é designado pelo nome de gentios. Cf. SANCHEZ, André. *O que significa gentios?*. Disponível em: <https://estudos.gospelmais.com.br/o-que-significa-gentios.html>. Acesso em: 29 out. 2017.
[143] Cf. AZEVEDO, 2015, p. 117.
[144] Cf. VIEIRA, Carlos Alberto Pinheiro. Desafios e possibilidades da pertença religiosa numa era secular. V Congresso ANPTECRE, 2015, Curitiba. *Religião, Direitos Humanos e Laicidade*. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15597&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 15 set. 2017.
[145] Cf. VILLASENOR, 2011, p. 142.
[146] O principal representante dessa corrente é o teólogo evangélico John Hick.
[147] VILLASENOR, 2017, p. 145.

3 RELIGIÃO, VERDADE E TEOLOGIA PLURALISTA DAS RELIGIÕES

Este capítulo objetiva relacionar os conceitos de religião, verdade e pluralismo religioso e a dimensão política e social da fé. Num sentido mais preciso, o pluralismo é entendido como um paradigma, uma maneira concreta de ver que é contraposta ao Exclusivismo e o Inclusivismo, abordados no capítulo anterior. O paradigma pluralista surge como uma reação contra o entendimento do Cristianismo como a única religião legitimável. Nesse sentido, o pluralismo parte do pressuposto que "todas as religiões são igualmente boas".

No século XXI é grande o número de publicações e pesquisas envolvendo o diálogo em torno desses temas. Para melhor compreensão da atual situação religiosa da humanidade, é importante destacar essas novas tendências que vêm se difundindo rapidamente por todo o mundo, envolvendo o posicionamento de vários autores de diversas áreas de estudo.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

3.1 Religião e conceito de verdade

A palavra religião vem do termo latino *religio*, formado pelo prefixo *re*, que significa outra vez, de novo, e o verbo *ligare*, referente a ligar, unir, vincular. [148] Originalmente, o termo indicava um conjunto de regras, interdições, advertências e observâncias, mas não necessariamente fazia referência a divindades, rituais, mitos ou outros tipos de manifestação, entendidas atualmente como religiosas. Nesse sentido, histórica e culturalmente, o conceito religião foi construído no Ocidente, adquirindo paulatinamente um sentido relacionado à tradição cristã. Quando se compreende essa evolução histórica, conclui-se que não há um sentido absoluto ao qual se possa recorrer. [149]

A religião é algo que envolve o ser humano, principalmente pelo que tem a revelar sobre a existência humana, conforme explica Oliveira [150]:

> Se compararmos o fenômeno religioso com o fenômeno social ou similar, podemos dizer que designamos a estrutura especial do homem definida por um sistema de relações com os outros homens [...]. No fundo de toda essa situação verdadeiramente religiosa encontra-se a referência aos fundamentos últimos do homem: quanto à origem, quanto ao fim e quanto à profundidade.[151]

[148] Cf. CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia*: ensino médio. São Paulo: Ática, 2010. p. 232.
[149] SILVA, Eliane Moura da. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2004. p. 4.
[150] Cf. OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Antropologia da religião*. Disponível em: <http://www.ucb.br/sit es/ 000/14/PDF/antropologiadareligiao.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2016.
[151] OLIVEIRA, acesso em: 6 ago. 2016.

A religião refere-se à crença na existência de um poder sobrenatural, criador e controlador do Universo, "dando ao homem uma natureza espiritual que continua a existir depois da morte do corpo";[152] a religiosidade é a extensão na qual o homem acredita, segue a prática de uma religião. A religião é uma forma institucional que objetiva controlar e solucionar problemas de aflição e sofrimento;[153] as pessoas religiosas são aquelas que se preocupam com o sentido da vida e se inquietam com o que vem além dela, com o existir além da matéria;[154] podem ser consideradas 'pessoas espiritualizadas',[155] que acreditam na existência da vida após a concepção da morte, em uma vida espiritual, mesmo que as explicações sejam contrárias em diferentes religiões.

A religião é a crença na imortalidade, como premissa da busca da verdade e do entendimento da existência humana. Para algumas religiões o corpo é mortal, habitado pelo espírito, alma, sombra imaterial, sopro, ou seja, elementos imortais.[156] Segundo essa crença, acredita-se em outra vida, e existem religiões que preparam e garantem a entrada do morto em outra vida.

A religião auxilia na formação de estruturas imaginativas e elementares sobre como se orientar no cosmos. Ela ensaia e dá forma ao ritual do que rodeia o ser humano, provendo a lógica do motivo desses laços, do que eles significam para a existência humana e da busca pela verdade.[157] De modo geral, a busca pela verdade faz parte da exigência existencial do ser humano, uma subjetiva condição do existir ser humano, condição subjetiva que clama pelo significado profundo da vida por meio da religião.[158]

Como descrito, a religião se refere à institucionalização da experiência da religiosidade e da religião pela busca da verdade, e com a padronização da passagem para a relação com o Transcendente mediada por um grupo social ou cultural.[159] A religião, em sentido institucional, é definida como uma forma explícita, reconhecível e organizada de crenças e práticas, como doutrina de cunho ético peculiar a determinado grupo social.[160] É um

[152] CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Júlio. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, a. 3, n. 7, p. 1-13, mai., 2010. p. 252.
[153] Cf. MACEDO, 1989, p. 40.
[154] Cf. CAMBOIM, 2010, p. 236.
[155] Cf. CAMBOIM, 2010, p. 253.
[156] Cf. CHAUÍ, 2010, p. 235.
[157] Cf. OLIVEIRA, acesso em: 6 ago. 2016.
[158] Cf. PETRICK, Lademir Renato. A busca da verdade como critério definidor da relação entre filosofia e religião no pensamento de Arthur Shopenhauer. *Plura*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 166-180, 2011. p. 166.
[159] Cf. OLIVEIRA, acesso em: 6 ago. 2016.
[160] Cf. SANTOS, Walberto Silva dos et al. A influência dos valores humanos no compromisso religioso. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 285-292, jul./set., 2012. p. 285.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

fenômeno de intensa relevância para a vida do homem e pode se manifestar de variadas formas.

Para a sociedade em geral, é a religião que define o modo de ser no mundo, justificando a procura de um sentido para a vida.[161] Quando a vida sofre ameaças e se torna difícil, o apelo à religiosidade se fortalece. Mas a religião pode ser vivenciada de forma madura ou imatura. A primeira se configura pela abertura da mente e pela capacidade de equilíbrio em meio à inconsistência; já a forma imatura é autoprovedora e geralmente representa os estereótipos negativos da religião.[162]

À maturidade corresponde a religiosidade intrínseca, referente à crença profunda, em que o indivíduo encontra a estrutura fundamental da existência, que confere significado à vida e fomenta a busca de respostas que expliquem a realidade; a imaturidade se relaciona a uma religiosidade extrínseca, à vivência de uma religião da conformidade e da convenção social, situada em um nível de autossuficiência que satisfaz o indivíduo.[163]

A busca pela verdade é uma atitude do filosofar, que leva a uma transcendente compreensão das pontuações e usos que a terminologia em si pode apresentar na vida ordinária e na subjetividade. Na Filosofia a palavra verdade imbrica-se em uma grande diversidade de teorias que buscam elucidar seu conceito. A maioria dos autores compreende o termo na perspectiva da correspondência entre a inteligência e a realidade ou, como define a clássica expressão de Tomás de Aquino, *adaequatio intellectus et rei*, o que parece ser um ponto de partida confiável para qualquer aprofundamento da questão.[164]

A expressão de Aquino toma como categórico o ajustamento entre a proposição e o fato, entre o discurso e o real, entre o pensamento e o ser, sendo prevalente adequar-se.[165] Nesse caso, para Aquino, o verdadeiro se apresenta quando se verifica uma adequação do intelecto à coisa. A verdade busca adequar o intelecto ao objeto como coisa, o que caracteriza o realismo da doutrina do conhecimento.[166]

A busca pelo conhecimento refere-se à concretização, ao devir e à identificação com o objeto, não no aspecto material ou físico, mas em seu aspecto intencional ou do objeto, do

[161] Cf. MACEDO, 1989, p. 15.
[162] Cf. SANTOS, 2012, p. 286.
[163] Cf. SANTOS, 2012, p. 232.
[164] Cf. RIBEIRO, Elton Vitoriano. Religião, Verdade e Hermenêutica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 354-361, abr./jun., 2011. p. 353.
[165] Cf. BERRETA, Fabiana Bartolo. *A racionalidade prática como fundamentação do agir moral*: o estudo da doutrina da inteligência na primeira parte da suma teológica de Tomás de Aquino. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. p. 28.
[166] Cf. AQUINO, Tomás. *O ente e a essência*. São Paulo: Wook, 2014. p. 12.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

ato cognoscente.[167] E é a partir da clássica expressão de Tomás de Aquino que, na atualidade, encontra-se uma ampla diversidade em torno da elucidação do conceito do termo verdade. Com isso, surgiu a teoria da adequação na perspectiva de compreender a verdade como elo entre a "inteligência" e a "realidade".[168] A teoria da adequação adquiriu relevância por estar implícita no uso cotidiano da noção de verdade pronunciada por Aquino.[169]

Na teoria da adequação, o modo como a proposição é representada baseia-se na própria coisa, e com a abstração efetuada é possível torná-la legítima, ou seja, verdadeira. Nessa questão, cabe destacar que aquilo que é afirmado como verdade não é algo completamente objetivo, independente do sujeito que conhece. E nem mesmo algo totalmente subjetivo, como se fosse possível prescindir do objeto.[170]

Na Idade Média, os Escolásticos [171] asseveravam que a verdade é a adequação entre pensamento e realidade, sendo esta última um evento no qual estão intercalados o sujeito e o objeto em um mútuo e único condicionamento: o objeto determina o sujeito e este o objeto. No entanto, a realidade é algo que não se encontra fora dessa relação: não é um mundo objetivo dado previamente e nem se funda em algo posto pelo próprio sujeito. A realidade é uma relação que acontece, ou seja, é um evento.[172]

A religião pressupõe que, além do sentido da diferença entre o natural e o sobrenatural, existe o sentimento de separação entre o sagrado e o profano, mesmo que este esteja habitado nos humanos e na natureza, como contextualiza Chauí.[173] As crenças da religiosidade se constituem como formas de conhecimento e teorias da natureza universal do homem. As práticas religiosas se relacionam com a procura de verdades que o homem deve conhecer para o seu próprio bem e que estão acima do conhecimento comum ou da dedução racional.[174]

Para melhor compreensão da natureza das crenças religiosas e, consequentemente, da pluralidade que daí resulta, é necessário analisar a diferença entre o sagrado e o profano. O

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[167] Cf. BERRETA, 2007, p. 28.
[168] Cf. RIBEIRO, 2011, p. 353.
[169] Cf. AQUINO, 2014, p. 12-13.
[170] Cf. RIBEIRO, 2011, p. 353.
[171] Os escolásticos são uma corrente filosófica que surgiu na Europa da Idade Média, que dominou o pensamento cristão entre os séculos XI e XIV e teve como principal nome o teólogo italiano São Tomás de Aquino. Uma das contribuições mais importantes de São Tomás foi ter realizado uma releitura da obra de Aristóteles dentro de uma perspectiva cristã. Cf. SANTOS, Renan. *Escolástica*: a Filosofia durante a Idade Média. Disponível em: <https://
educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/escolasticaafilosofiaduranteaidademedia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 8 ago. 2017.
[172] Cf. RIBEIRO, 2011, p. 353.
[173] Cf. SANTOS, 2012, p. 232.
[174] Cf. MACEDO, 1989, p. 15-16.

sagrado refere-se a uma dimensão da vida humana que se manifesta em circunstâncias especiais, fora do cotidiano ou dos domínios da vida profana. É a experiência da presença de uma potência sobrenatural que se encontra em algum ser, que pode ser uma planta, um animal, o vento, as águas etc.[175]

O sagrado é da ordem do maravilhoso, do que não se inscreve nas agruras da rotina de vida. O ser humano valoriza o conhecimento do sagrado porque este se manifesta como qualquer coisa absolutamente diferente do profano,[176] suscitando devoção e amor, repulsa e ódio, sentimentos que alimentam o respeito feito de temor. Surgem assim o sentimento religioso e a experiência da religiosidade.[177] Na concepção de Durkheim,[178] o sagrado é a possibilidade de ser acrescentado ao real.[179]

O sueco Nathan Söderblom, arcebispo e estudioso das religiões, nos primeiros anos do século XX, conceituou religião tendo como base os sentimentos humanos. Religiosa ou piedosa é a pessoa para quem algo é sagrado. O termo "sagrado" passou a ser palavra-chave para os estudiosos da religião no século XX, descrevendo a natureza da religião e o que ela tem de especial.[180]

Em 1917 foi publicada a obra *A ideia do sagrado*, de Rudolf Otto, para quem o sagrado é *das ganz Andere*, ou seja, o inteiramente outro, "aquilo que é totalmente diferente de tudo o mais e que não pode ser descrito em termos comuns";[181] isto se caracteriza pelo *hierofani*, palavra grega que significa "algo sagrado está se revelando para nós", como afirma Mircea Eliade.[182]

A diferença entre o sagrado e profano está no entendimento de que a experiência que o primeiro proporciona ao ser humano religioso leva a uma verdadeira orientação de vida. A experiência profana, por seu turno, não proporciona experiências do sagrado, do mundo transcendente.[183] Com isso, o espaço sagrado leva o ser humano a uma experiência diferente

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[175] Cf. CHAUÍ, 2010, p. 233.
[176] Cf. MACEDO, 1989, p. 16.
[177] Cf. CHAUÍ, 2010, p. 234.
[178] Émile Durkeim, no livro datado de 1912, Cf. As Formas Elementares da Vida Religiosa; considerado o tratado mais importante de sociologia da religião, mas é, ao mesmo tempo, algo que transcende essa área específica da sociologia. Cf. WEISS, 2012, p. 12.
[179] Cf. BIZELLI, Edimilson Antonio. *Considerações sobre As Formas Elementares da Vida Religiosa, de Émile Durkheim*: contribuições e polêmicas. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistanures/revista4/nures4_edimils on.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.
[180] Cf. HELLEN, Victor; NOTAKER, Heny; GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 17-18.
[181] HELLEN, 2000, p. 18.
[182] Cf. HELLEN, 2000, p. 18.
[183] Cf. OLIVEIRA, Helio Carlos Miranda. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 34, v. 2, p. 135-161, ago./dez., 2012. p. 136.

das vividas no cotidiano, ensejando-lhe o contato com o divino. Para Otto, o sagrado é o oposto do profano,[184] configurando algo que é separado e consagrado, enquanto o profano denota o que está em frente ou do lado de fora do templo.

Na verdade, as crenças e vivências religiosas do ser humano contemporâneo se voltam para a solução de problemas que nem sempre apontam para o significado de sua existência, definindo-se como resoluções imediatas, respostas objetivas, eficientes e pragmáticas.[185] O ser humano passa a admitir que experimenta o sagrado em diferentes espaços do cotidiano e as igrejas são os espaços das experiências.[186] O interior dessas construções proporciona ao homem religioso e contemporâneo uma ruptura com o profano.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

3.2 Mundialização, globalização e secularização

A sociedade contemporânea vem passando por intensas transformações que se tornam mais expressivas quando alcançam os questionamentos envolvendo o sentido e o significado da vida, e das relações humanas. As características da sociedade pós-moderna são as correntes da multiculturalidade e da plurireligiosidade.

Nas últimas décadas do século XX surge a multiculturalidade que, na antropologia, se aproxima do conceito de sociodiversidade. Explica Muñoz que a sociedade é multicultural, por esse motivo, diversa; nela existem diferentes grupos humanos com padrões próprios de organização social, com diferentes modelos de autoridade política, valores, prestígio, padrão habitacional, etc. [187]

A multiculturalidade desafiou cientistas da religião e teólogos, principalmente pelas mudanças socioeconômicas e as consequências delas no meio religiosa.[188] Na multiculturalidade o envolvimento de influências filosóficas e teológicas é tão exacerbada que torna intensa a tarefa de descrever o cotidiano doutrinário, teológico e prático das tendências religiosas pós-modernas.

---

[184] Cf. HELLEN, 2000, p. 18.
[185] Cf. VILLASENOR, Rafael Lopez. O pluralismo e secularização na metrópole: novo desafio para a renovação paroquial. Congresso Continental de Teologia. *Iglesia que camina con Espíritu y desde los pobres*. São Paulo, Paulinas, 2015. p. 118.
[186] Cf. OLIVEIRA, 2012, p. 137-138.
[187] Cf. MUÑOZ, Manuel. *Sociodiversidade, multiculturalidade e sustentabilidade*. Disponível em: <http://izabela hendrix.edu.br/humanidades1/meioambienteeconscienciaplanetaria/artigos/arquivos/sociodiversidade-multiculturalidade_e_sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.
[188] NEGRÃO, 2008, p. 168.

No Brasil essas tendências ocorreram em meados dos anos 1970, quando aconteceram movimentos diferentes entre cristãos e não cristãos, interferindo na esfera política e social a partir de projetos próprios de hegemonia.[189] O espaço de atuação desses movimentos foi a crise das ideologias e das utopias seculares, já engendrada desde essa época. À medida que aumentou o desencanto com as perspectivas de transformação político e social, surgiram propostas religiosas de reconstrução do mundo, com enfoques diferentes.

Terminologias como globalização, mundialização e modernidade avançaram as fronteiras das áreas do conhecimento e passaram a fazer parte do vocabulário dos debates acadêmicos e políticos nos últimos anos. A palavra da moda, globalização, para muitos, é empregada no sentido abrangente da mundialização, que na verdade é necessário explicar o sentido original, que é mais do que o nome dado pelo neoliberalismo atual ao processo de expansão de capital após o fim da Guerra Fria. A globalização é eufemismo para explanar algo bem menos digno: o processo de conquista mercadológica, de dominação de economias periféricas, de acumulação e concentração de rendas e riqueza, de americanização e imposição da cultura norte-americana.[190]

Com a globalização as conexões provenientes desse processo transformaram as relações humanas em todos os aspectos,[191] por ser um processo que provoca a emergência de uma nova ordem social pós-tradicional. Acrescenta Luchi: "O processo de globalização nos confronta com a inesperada vitalidade das religiões mundiais. O que se vê é apenas a sobrevivência das tradições".[192] A nova situação global busca por novas respostas mais do que promover conflitos e reconciliação. Antes de todo esse processo de globalização o mundo encontrava-se isolado, desconhecendo-se mutuamente; com a globalização essa tendência mudou.

Por sua vez, a mundialização, é um fenômeno mais amplo e antigo. Refere-se ao processo de unificação e concentração do mundo em sistemas sociais cada vez mais unificados e amplos, que tomarão cada vez mais as dimensões do mundo.[193] No entendimento sociológico, a mundialização é a transformação da socialização do homem: grupos humanos que desde sempre viveram em processo que os coloca em relação e faz com que se afetem mutuamente, causando o surgimento de conexões sociais novas cada vez mais fortalecidas e

[189] Cf. RIBEIRO, 2010, p. 15.
[190] Cf. VIGIL, 2006a, p. 423.
[191] Cf. VIGIL, 2006a, p. 424.
[192] LUCHI, 2014, p. 102.
[193] Cf. VIGIL, 2006a, p. 423.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

amplas. A articulação de todas as conexões sociais vai causando, aos poucos, uma sociedade mundial unificada.[194]

A globalização causou o desenraizamento. Ela fez perder o sentido e fragmenta a identidade. Na sociedade pós-tradicional, segundo Teixeira,[195] as identidades religiosas são provocadas de modo permanente para se declararem, e quando se declaram, não tem como escapar do processo permanente de redefinição da identidade e de reinvenção da tradição de uma sociedade pluralista e diversificada.

A palavra modernização se forma a partir do modernizar com o sufixo *ção* (ação), e é definido como ato ou efeito de modernizar; é se tornar moderno, acompanhando a evolução e as tendências do mundo atual. A era moderna, considerada numa perspectiva histórica, é um período que se iniciou com o fim da Idade Média.[196] A palavra "moderno" apareceu na língua inglesa no final do século XVI; no início se referia pouco mais que ser do tempo presente, mas lentamente veio a trazer um senso de novidade. O significado de *Modern* é de algo que não existiu antes. Do ponto de vista da expansão territorial, a modernização tem dois sentidos principais: um que envolve a infraestrutura econômica, a base técnica e os meios produtivos e outro que envolve os aspectos políticos e ideológicos.[197]

Se a Revolução Industrial britânica favoreceu o aparecimento de um modelo para as fábricas, rodovias, cidades, infraestrutura, emprego das técnicas, etc., a Revolução Francesa forneceu o modelo político e ideológico do processo de modernização. A teoria da modernização está atrelada diretamente à teoria da sociedade industrial. Ao se ater a esses aspectos revolucionários, o conceito de modernização se caracteriza pela sua abrangência, tendo em vista que está relacionado a um conjunto de transformações que se processam nos meios de produção, como também na estrutura econômica, política e cultural de um território.[198]

Para se expandir ainda mais, com a modernização surgiram os debates teóricos que geralmente são justificados ideologicamente nas instituições acadêmicas, no universo político e nos meios de informações. Como isso, a modernização é entendida como um conjunto de transformações que se processam nos meios de produção e nas bases técnicas, por envolver

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

[194] Cf. VIGIL, 2006a, p. 424.
[195] Cf. TEIXEIRA, 2005, p. 60.
[196] Cf. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salle. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1941.
[197] Cf. CASTILHO, Denis. Os sentidos da modernização. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, jul./dez., 2010. p. 127.
[198] Cf. CASTILHO, 2010, p. 127.

um conjunto de valores, advindos de uma determinada classe social, que se apresenta com forte caráter ideológico.[199]

Diante das inerentes mudanças causadas pelos fenômenos da globalização, mundialização e modernidade, a vida humana passou a ser projetada através de bens de consumo, das relações interpessoais e de significados e questionamentos. Essas questões servem de alavanca rumo às mudanças de valores morais, principalmente se levar em consideração que essas três dimensões se inter-relacionam e produzem os moldes da Contemporaneidade.

A primeira dimensão consiste nas novas formas de produzir bens de consumo e de serviços; refere-se aos significativos avanços na tecnologia, era informacional, que trouxeram novos instrumentos produtivos, instrumentos estes capazes de analisar, de modo avançado os seres e os objetos, e ao mesmo tempo criam novos materiais e reelaboram seus dinamismos.[200] Com isso, o saber tecnológico se caracteriza como uma forma privilegiada de poder econômico e político.

A segunda dimensão, a produção das relações humanas, está conexa a primeira dimensão, e compreende as mudanças que alteram as relações entre os seres humanos. O processo de globalização enquadra-se nesse espaço. A acumulação de bens e das formas de poder agudiza as formas de pobreza e aguça a desigualdade social. A terceira dimensão refere-se ao sentido e significados, que compreende os seres vivos, os semelhantes e o individual.[201] A individualidade, a autonomia dos sujeitos, as exigências da subjetividade, e a consequente concepção e percepção da diversidade religiosa, o novo ritmo de vida em uma nova espacialidade e temporalidade, são concebidos como alguns dos exemplos de tendências modernas, que se caracteriza como sendo a fase de mudanças de paradigmas.

Diante da contextualização das três dimensões, surgiram temas que se destacam na seara religiosa, e que vem sendo difundidas por todo o mundo com denominações, como: pluralismo religioso, diálogo inter-religioso, teologia pluralista das religiões, e outras nomenclaturas. São muitas as publicações e discussões envolvendo o diálogo entre esses temas.

[199] Cf. CASTILHO, 2010, p. 127.
[200] Cf. ANJOS, Marcio Fabri. Juventude e valores morais. In: LEERS, Bernardino (Org.). *Pecadofobia e sua gênese*: um projeto de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 529-550.
[201] Cf. ANJOS, 2002, p. 530.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

3.3 Diálogo Inter-religioso e Teologia pluralista das religiões

As questões envolvendo a pluralidade religiosa ocupam na atualidade um espaço importante dentro de um contexto novo. Como problema teológico, não é novo. Data do tempo dos Apóstolos, com o Cristianismo nascente, que teve de apresentar sua mensagem em relação ao Judaísmo e, em seguida, a outras religiões. Jacques Dupuis declara: "nova é a consciência aguda que o nosso mundo adquiriu do pluralismo das culturas e das tradições religiosas, bem como do direito à diferença que é própria de cada uma delas".[202] Rech ressalva:

> O desafio do pluralismo religioso é primordial nos tempos atuais. Será preciso pensá-lo muito, e, sobretudo abrir as mentes e corações dos cristãos para que se libertem de tantas coisas que não são cristãs no sentido de universais, mas que pertencem a uma época da história do Cristianismo e que de fato não proclamam o essencial. O grande desafio é saber anunciar o Evangelho de Jesus Cristo e buscar relações com as demais religiões.[203]

Os séculos XV e XVI são um marco relevante para a compreensão que o ser humano tem de si mesmo.[204] Nos tempos atuais, a relação do homem com a natureza modificou-se de maneira substancial, quando surgiram a ciência experimental e a técnica de manipulação que dela deriva. Esses acontecimentos levam o homem a deixar de lado a antiga imagem do mundo e de si mesmo.

Destaca-se a concepção de que "é por sua física que envelhecem as metafísicas; além disso, graças à ciência, a humanidade pode dar um passo à frente e começa a se perceber de modo diferente".[205] Por ser a melhor tradição filosófica, não é uma reflexão de gabinete, mas a consciência reflexa e tematizada vivida pelo homem em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos. Essa relação se traduz e ao mesmo tempo é transformada pelos avanços do conhecimento científico e técnico.

A dimensão política e social da fé seguiu os rumos da história: no século XVII, construíram-se sistemas filosóficos com enfoque na ideia de que só se alcançaria o saber/conhecimento se fosse possível alcançar as certezas a partir dos quais os novos conhecimentos pudessem ser dedutivamente esclarecidos. Porém, no século XVIII, o

---

[202] DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões*: do encontro ao desencontro. São Paulo: Loyola, 2004. p. 273.
[203] RECH, Vilma Tereza. *Pluralismo religioso*: diálogo e alteridade no ensino religioso. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. p. 24.
[204] Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*: perspectivas. São Paulo: Loyola, 1996. p. 84.
[205] GUTIÉRREZ, 1996, p. 84.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

pensamento social e o científico passaram a seguir caminhos diferentes daqueles estabelecidos pelo século anterior.[206]

No século XVIII, rompe-se o dique entre o social e o científico, com as concepções de Isaac Newton (1643-1727), que propunha a análise, em vez da dedução, como método de obtenção do conhecimento. Com isso, a experiência, a observação e o pensamento seguiriam em busca da ordem das coisas mediante os próprios fatos, e não mais com base nos conceitos. A análise identificaria o que é comum e permanente entre os homens, levando a princípios gerais.[207] A partir daí, caberia à razão, partindo dos fatos – recolhidos pela observação – relacionar e identificar as interdependências e dúvidas.

No século XVIII, Deus foi excluído da determinação do destino do homem. As ações dos homens deixam de ser explicadas em função de um propósito divino. O homem passa a ser dono do seu destino e, com isso, criador da própria sociedade. Deus, ao ser admitido, seria apenas o iniciador e mantenedor do funcionamento do mundo, segundo as ideias de Newton, sem interferência.[208]

Do século XX até a atualidade, vários fatos econômicos, políticos, culturais e religiosos em âmbito mundial modificaram profundamente a sociedade. E o fenômeno religioso encontra-se inserido nesse contexto, até porque se considera que a religião tem significado social,[209] por ser um dos fatores mais característicos de um povo.[210] Esses fatos marcaram o desenvolvimento da teologia das religiões, cuja reflexão se faz à luz da fé e com base no pluralismo religioso, ou seja, na pluralidade das religiões.[211]

> Essa teologia possui o encanto da novidade, da abertura a horizontes desconhecidos, provocando assim proposições que, às vezes, no Cristianismo, comovem as convicções mais profundas, pois que seu estudo proporciona não somente uma aquisição de novos conhecimentos, mas uma reconstrução do conhecimento religioso já adquirido, uma renovação de convicções religiosas básicas, possibilitando uma nova forma de viver a religião.[212]

Foi a partir dos anos 1980 que cresceu exacerbadamente a busca por religiosidade no mundo, assistindo-se, na contemporaneidade, a uma multiplicação de experiências

[206] Cf. LARA, Ricardo; LUPATINI, Márcio; TRISTÃO, Ellen Lucy. O processo de mundialização do capital e sua forma 'adequada' de conhecimento. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. especial, p. 65-91, mai., 2009. p. 86.
[207] Cf. LARA, 2009, p. 87.
[208] Cf. LARA, 2009, p. 87.
[209] Cf. BIANCO, Gloecir. *Pluralismo religioso brasileiro e a crise de sentido*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Bianco,%20Gloecir.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016.
[210] Cf. RIBEIRO, 2012, p. 5.
[211] Cf. VIGIL, 2006a, p. 13.
[212] PUC-RIO. *A teologia e o contexto religioso*: o pluralismo religioso e a teologia das religiões. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14757/14757_3.PDF>. Acesso em: 16 nov. 2016.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

religiosas.[213] "É essa 'gula' de Deus, para usar uma expressão do poeta francês Jean-Nicolas Arthur Rimbaud, uma verdadeira tentativa desesperada de eliminar estados mórbidos ou de preencher o vazio deixado pelo estado de insatisfação difusa presente na sociedade moderna".[214]

A busca por religiosidade é a procura de experiências religiosas que caracterizam o pluralismo religioso, com o surgimento de ciclos inovadores de assimilação de novas crenças e ritos que ampliam o processo de sincretização.[215] Entretanto, percebem-se cada vez mais as religiões e crenças envolvidas em conflitos de natureza espiritual. As guerras, a intolerância, o racismo, a violência, palavras de ordem nos noticiários em geral,[216] contrastam com a busca verdadeira de propostas de comunhão, amor à vida e respeito ao próximo.

A sincretização é a busca pela salvação. "Nada pode salvar o mundo, apenas a religião",[217] assegura Albert Einstein. O processo de sincretização se dá pelo contato entre diferenças de crenças. Para tal,[218] é preciso haver movimentação de povos, normalmente causada por eventos de larga escala, como a mundialização. O termo mundialização, para Luiz Eduardo Wanderley, traduz um processo de gradativo aumento das relações, contatos e fluxos estabelecidos entre os povos de regiões dispersas no globo, nos campos econômico, político, cultural e religioso.[219] Nesse sentido, a mundialização é constituinte da história do homem e da civilização.

A mundialização gradual decorre do avanço da industrialização e da ciência nos últimos anos, quando novas explicações religiosas surgiram. Mesmo que as religiões se mantenham vivas, áreas cada vez maiores da vida social e cultural têm se subtraído à sua influência, principalmente por causa dos conflitos e tensões da contemporaneidade. Com isso, os princípios religiosos perderam sua influência na vida social, e também os conceitos éticos revelados e ensinados pelas religiões, que não mais afetam as questões sociais.[220]

Diante desses conflitos, algumas interpretações de secularização assumem o papel de crítica à religião a partir do processo de laicização estatal, da dessacralização (como perda do valor sagrado do mundo e do ser humano), ou mesmo da emancipação da sociedade e do

[213] Cf. OLIVEIRA, 2012, p. 2.
[214] OLIVEIRA, 2012, p. 2.
[215] Cf. ANDRADE, 2009, p. 106.
[216] Cf. CISALPINO, Murilo. *Religiões.* São Paulo: Scipione, 1994. p. 74-75.
[217] BACH, Marcus. *As grandes religiões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998. p. 19.
[218] Cf. RIBEIRO, 2012, p. 5.
[219] Cf. BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Globalização e as teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 54-79, dez., 2006. p. 4.
[220] Cf. HELLEN, 2000, p. 253.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

homem diante do mistério transcendente: o ateísmo.[221] Entende-se por ateísmo uma cosmovisão que nega a existência de Deus, opondo-se ao teísmo, que acolhe a crença na existência de uma divindade que transcende o mundo natural.[222]

A secularização é um processo em que se busca compreender o mundo não mais pela lente dos mitos e da religião, mas pela razão.[223] Tido por alguns como fenômeno dinâmico próprio da Modernidade, a secularização se caracteriza pela dualidade: por um lado, manifesta crítica e perda do sentido das religiões;[224] por outro, comunica a revitalização das religiões e enxerga o momento como fértil para o surgimento de espiritualidades novas.

Tal processo não significa necessariamente a extinção da religiosidade ou da religião e suas instituições, mas o surgimento de uma nova configuração e significação.[225] A Modernidade não é ateia, mas rompe com a pretensão religiosa de ditar comportamentos sociais e realoca a religião no foro íntimo, como também distingue e separa o espaço público do privado.[226] Neste último é que reside, segundo essa nova ordem, a religião.

Após o crescimento e avanço das ideologias de secularização e racionalização, a sociedade atravessou uma nova fase de significação do religioso. O processo de secularização continuou, mas de forma diferenciada. A negação da fé ou mesmo da religiosidade deu lugar à sua procura, porém com um caráter mais subjetivo. Antes, a busca da razão era idolatrada, agora se promove uma volta ao sagrado, cuja base reside na experiência subjetiva e emotiva.[227]

As mudanças decorrentes do mundo e as ideologias da secularização levaram ao surgimento de novas maneiras de se pensar a fé e cultivá-la.[228] Algumas pessoas mantiveram sua fé ou crença religiosa, mas traçam uma linha divisória entre religião e ciência; outras rejeitam a religião e se tornam ateus ou agnósticos; outras, ainda, incorporam a consciência científica à fé religiosa. Na admissão dessa diversidade, houve uma transição caracterizada como mundialização.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

---

[221] Cf. PUC-RIO. *O processo de secularização da sociedade*. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27302/27302_3.PDF>. Acesso em: 16 nov. 2017.
[222] Cf. AQUINO, Thiago; BANDEIRA, Lorena. Ateísmo, valores humanos e sentido na vida: um estudo correlacional. *IX Seminário de Psicologia e Senso Religioso*, Curitiba, 2015. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/spsr?dd99=pdf&dd1=15791>. Acesso em: 8 set. 2017.
[223] Cf. BINGEMER, Maria Clara; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Secularização*: novos desafios. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012. p. 23.
[224] Cf. PUC-RIO, acesso em: 16 nov. 2017.
[225] Cf. PUC-RIO, acesso em: 16 nov. 2017.
[226] Cf. PUC-RIO, acesso em: 16 nov. 2017.
[227] Cf. PUC-RIO, acesso em: 16 nov. 2017.
[228] Cf. HELLEN, 2000, p. 253.

No entanto, o pluralismo ou teocentrismo é um paradigma pós-conciliar, surgido, mais precisamente, a partir da década de 1970; é um acontecimento contemporâneo, de uma sociedade que transita para outra época histórica de 'mundialização', uma sociedade marcada pelo avanço tecnológico, mas ao mesmo tempo não pode renegar vestígios do passado.[229] Esse pluralismo encontra-se presente em todos os ambientes e manifesta-se das mais variadas formas, nas culturas que exprimem a identidade de cada povo, nas relações entre Estados, na variedade das crenças, num incessante movimento de abertura às situações que surgem.[230]

Como se pode observar, o pluralismo religioso é considerado um fenômeno contemporâneo, que se originou do rompimento do monopólio de uma religião estabelecida como a igreja oficial de determinada sociedade, rompido pelo avanço da "razão secular", que se impõe pelas ciências positivas e pela diversificação do campo religioso, resultando na "quebra" da relação orgânica entre a religião e o Estado.[231]

Contextualiza Berger, que a pluralidade coincidiu com uma ênfase inovadora no laicato das instituições religiosas. A era do laicato, como foi definida por vários teólogos, se baseia no caráter desse laicato como uma população de consumidores; ou sejam as proposições teológicas sobre o papel laico podem ser compreendidas como legitimações *post hoc* dos desenvolvimentos, enraizados na infraestrutura do mercado religioso contemporâneo.[232]

Com o pluralismo, "a religião se manifesta no mundo secular como resultado de uma natureza intrínseca do homem; é a manifestação da religiosidade do ser humano, que está em busca de sentido para viver".[233] Ou seja, num mundo secular há um arrefecimento da religião como instituição. Reconhece-se, portanto, que as religiões, de modo geral, são universos conceituais autônomos, que exigem a apreciação de sua qualidade, e nessa operação reconhece-se e enfatiza-se o pluralismo, que abrange diferentes concepções e posições.[234]

Além disso, quanto mais o pluralismo religioso se desenvolver, maior será sua mobilização e a participação religiosa do público. O pluralismo não consiste apenas na multiplicidade de grupos religiosos sistematicamente organizados, mas também em diferentes concepções religiosas e diferentes maneiras de visão religiosa.[235]

[229] Cf. RECH, 2009, p. 11.
[230] Cf. RECH, 2009, p. 11.
[231] Cf. STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. *Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 3, n. 3, p. 115-129, out., 2001. p. 116.
[232] Cf. BERGER, 1985, p. 158.
[233] HELLEN, 2000, p. 137.
[234] Cf. BRAKEMEIER, 2002, p. 27.
[235] Cf. STEIL, 2001, p. 117.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

O modelo pluralista contempla várias religiões com caminhos para a salvação. Essas religiões são, a seu modo, unidades inconfundíveis com discursos peculiares, portanto não admitem ser niveladas, e a nenhuma delas se pode a plenitude absoluta.[236] Não há religião superior às demais, e esse entendimento também se aplica ao Cristianismo. Não existe monopólio religioso.

"O pluralismo não nega a Jesus Cristo com singularidade. Nega-lhe, isto sim, a exclusividade. Se eu confesso Jesus como sendo o único salvador, ele o é para mim, mas não necessariamente para todos".[237] Os credos não têm caráter objetivo e universal, e nem mesmo exclusivo. A teologia pluralista dispõe as religiões, de modo geral, na busca da salvação.

A consciência histórica e pluralista da Contemporaneidade seguiu o idealismo das pretensões totalizantes dos sistemas de pensamento. Por isso, as posições exclusivistas e inclusivistas constitutivas perderam boa parte do crédito, [238] como se pôde ver no capítulo anterior. Suas reflexões seguem no sentido de que os cristãos na atualidade podem se relacionar com Jesus a partir da seguinte perspectiva:

> [...] um normativo da verdade religiosa acerca de Deus, do mundo e da existência humana, convictos, ao mesmo tempo, de que também existem outras mediações religiosas que são verdadeiras e, portanto, normativas. O que se exporá é essa sua concepção normativa, mas não constitutiva de Jesus Cristo.[239]

Essas outras mediações religiosas são escolhas individuais. Na atualidade, o Brasil se encontra no apogeu da liberdade de escolha de crença. A sociedade vive as mediações religiosas de uma maneira livre como jamais o foram.[240] Essa liberdade está sendo conduzida para um processo de pluralização, cujo objetivo é a independência do monopólio religioso. O pluralismo reflete a liberdade do homem para o exercício da religião.

No entendimento de Aristóteles, essa liberdade é:

> [...] a ausência de constrangimentos externos e internos, como uma capacidade que não encontra obstáculos para se realizar, nem é forçada por coisa alguma para agir. Trata-se da espontaneidade plena do agente, que dá a si mesmo os motivos e os fins de sua ação sem ser constrangido por nada ou por ninguém.[241]

[236] Cf. BRAKEMEIER, 2002, p. 27.
[237] BRAKEMEIER, 2002, p. 27.
[238] Cf. SILVA, José Maria da. *O Cristianismo e o pluralismo religioso*: possibilidades dialogais com a pós-modernidade. 2004. 429 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004. p. 19.
[239] SILVA, 2004, p. 19.
[240] Cf. HELLEN, 2000, p. 283.
[241] ARISTÓTELES *apud* FELDENS, 2006, p. 4.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

Para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a palavra crença é definida como fé religiosa, convicção íntima, o ato de crer, que significa acreditar ou ter algo por certo e verdadeiro.[242] E a liberdade de crença é a livre escolha da religião, de aderir a qualquer seita é exercer o direito de mudar de religião, até quando não prejudique a liberdade de outras pessoas.[243] Pode-se aduzir que a religiosidade é a liberdade indispensável para a expressão e o pensamento humano. Barth acrescenta:

> O homem moderno não serve a Deus, mas se faz servir dele. Culto e Igreja, na medida do necessário, é 'quando sobra um tempinho', afinal, tudo o que é demais faz mal. A fidelidade a uma única Igreja e a uma única visão de Deus são prejudiciais, pois, segundo o homem moderno, há outras facetas e aspectos que devem ser privilegiados e que uma única religião não completa.[244]

Admite-se que a luz de Deus não finaliza em nenhuma religião. Qualquer religião, sendo humana e cultural, possui capacidade de encerrar em si mesma toda riqueza divina. No pluralismo, o homem é livre para manifestar suas crenças sem necessidade de identificar sua religiosidade. Mesmo que a secularização estabeleça uma divisão com o mundo sagrado, isso não quer dizer o ausentar-se da religião.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR Faculdade Unida de Vitória

[242] Cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004. p. 275.
[243] Cf. FELDENS, 2008, p. 6.
[244] BARTH, 2007, p. 103.

CONCLUSÃO

A proposta do estudo é identificar uma base teológica de reconhecimento da pluralidade religiosa e a possibilidade de um diálogo inter-religioso. Para tanto, necessita-se de uma visão mais tolerante da diversidade religiosa, bem como da alteridade.

Com a modernização mundial, fortalece-se o entendimento de que o exclusivismo religioso, base principal da teologia do Cristianismo, não se faz mais presente. A concepção do Cristianismo de que a religião superior é perfeita perde um pouco o sentido, e o dogma de que fora da Igreja não há salvação não é mais justificado, sendo cada vez maior o número de fiéis de qualquer religião que percebem, mesmo sem argumento, que a sua própria religião não pode ser a única verdadeira. O pensamento que se fortalece é que todas as religiões fazem parte da salvação de Deus, cada uma por si mesma, e do seu jeito. Essa percepção é uma transformação da imagem da própria religião, como também da imagem individualizada de Deus.

A rejeição de um Deus único foi crescendo a partir do século XX e continuou a se espalhar no campo da Teologia, quando o mundo passou por uma radical mudança – a mundialização – expondo as religiões a um cenário bem diferente do vivido antes. Tal choque aproximou as sociedades mundiais, e com isso as religiões em geral entraram em contato mútuo, massivo e inevitável.

Caracterizado como fenômeno inovador, a convivência massiva entre as religiões levou a um processo de revisão e reinterpretação, em que a religião segue para a unicidade em sua relação. Esse processo, situado no nível individual, chama-se intradiálogo. Ele leva o crente a se questionar, pondo-se em crise com relação à própria crença e aceitando a possibilidade de uma nova compreensão.

A partir daí o inclusivismo também passou a ser questionado, frente à ruptura com os idealismos do pluralismo religioso. O pluralismo deixou de ser caracterizado como algo provisório, para ser compreendido como vontade de Deus, precisando ser diversificado cultural e religiosamente, para satisfazer com plenitude a verdade e a busca por respostas existenciais. Com o Concílio Vaticano II, o pluralismo se fortaleceu, condicionando a abertura teológica, o que possibilitou uma maior sensibilização quanto ao reconhecimento e à aceitação de outras religiões.

Com a globalização e a Modernidade multiplicam-se as críticas e argumentações a respeito do pluralismo religioso, com a necessidade de um diálogo inter-religioso em face das constantes formas de fundamentalismos existentes, conduzindo a um mundo intolerante e

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

desrespeitoso. O diálogo inter-religioso surge exatamente a partir da necessidade de uma convivência mais harmoniosa entre as pessoas.

O ser humano atual não se fortalece com a existência de um sentido ontológico indiscutível, mas passa a se conscientizar de que a maior parte dos sentidos é criada por cada um, e transmitida de geração em geração. As gerações mais novas recebem informações de verdades indiscutíveis, e não sabem admitir algo semelhante, até porque a cultura que as permeia exige justificativas.

Os principais fatores que levam o ser humano contemporâneo a buscar novas tendências religiosas para obter respostas sobre sua existência estão no entendimento de que a geração adulta, que recebeu as tradições como verdade plena e absoluta, já está acostumada com essa nova maneira de pensar e questionar, o que exige mais reflexão crítica a respeito de tais verdades, tidas como absolutas. Frente a essa transformação epistemológica proveniente da mundialização, o pluralismo se contextualiza a partir do intradiálogo.

As ameaças do fundamentalismo não fazem parte da essência dos enunciados do diálogo inter-religioso. Esse intradiálogo é fundamental para possibilitar a união e a paz da humanidade. No pluralismo, a violência, a intolerância, o terrorismo, são considerados desvios de conduta, ou até mesmo uma traição ao dinamismo mais profundo que fortalece a relação do ser humano com o Absoluto.

A base para o diálogo está no respeito à crença, na consciência viva e notória da alteridade e da riqueza da diversidade religiosa. Sem a singularidade das diferenças, o diálogo inter-religioso não vinga. O diálogo se fortalece na possibilidade de renovação nas relações inter-religiosas. Para o pluralismo, Deus é maior do que a própria compreensão humana, e por esse motivo deve ser contemplado segundo o entendimento de cada religião.

Diante da nova realidade do mundo globalizado, o ser humano traz consigo angústias e esperanças, confiança e incertezas, que o fazem repensar os antigos paradigmas e axiomas, e compará-los com as novas configurações do mundo contemporâneo. Os desafios são mais complexos do que os novos e antigos paradigmas, que acabam não dando conta de atender a tantas inquietações e questionamentos. As velhas certezas teológicas estão sendo substituídas pelo diálogo inter-religioso, na busca da harmonia e da paz, que contribuirá com a libertação do patriarcalismo cristão absoluto.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. *CAOS*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, p. 106-118, set., 2009.

ANJOS, Marcio Fabri. Juventude e valores morais. In: LEERS, Bernardino (Org.). *Pecadofobia e sua gênese*: um projeto de pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 173-196.

APOLINÁRIO, Maria Raquel; KOPEZYNSKI, Manuel Carlos Garcez; ZANCHETTA, Carlos. *O terrorismo*: a ameaça do século XXI. Disponível em: <http://www4.moderna.com.br/pnld2011/download/complementacao_pedagogica/geografia/terrorismo_ameaca_do_seculo_xxi.p>. Acesso em: 8 out. 2017.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Fé-política: uma abordagem teológica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 7, n. 15, p. 13-31, dez., 2009.

AQUINO, Thiago; BANDEIRA, Lorena. Ateísmo, valores humanos e sentido na vida: um estudo correlacional. *IX Seminário de Psicologia e Senso Religioso*, Curitiba, 2015. Disponível em: <www2.pucpr.b r/reol/index.php/spsr?dd99=pdf&dd1=15791>. Acesso em: 8 set. 2017.

AQUINO, Tomás. *O ente e a essência*. São Paulo: Wook, 2014.

AZEVEDO, Sílvio. *Teologia das Religiões*: Rumo a um inclusivismo bíblico. Rio Grande do Sul: Clube de Autores, 2015.

BACH, Marcus. *As grandes religiões do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. Globalização e as teologias da Libertação e do Pluralismo Religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 54-79, dez., 2006.

BARREIRA, Marcelo Martins. Uma proposta de redescrição neopragmática do religioso na 'sociedade pós-secular'. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs.). *Religião e sociedade (pós) secular*. São Paulo: Academia Cristã; Vitória: Editora Unida, 2014. p. 134-148.

BARTH, Wilmar Luiz. O homem pós-moderno, religião e ética. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, mar., 2007.

BATISTA, Carolina de Almeida. *Quanta Cura (1864) de Pio IX e Rerum Novarum (1891) de Leão XIII*: posicionamentos frente à questão social. Disponível em: <http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340231740_ARQUIVO_anpuhmg.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2017.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade*: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERRETA, Fabiana Bartolo. *A racionalidade prática como fundamentação do agir moral*: o estudo da doutrina da inteligência na primeira parte da suma teológica de Tomás de Aquino. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BIANCO, Gloecir. *Pluralismo religioso brasileiro e a crise de sentido*. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Bianco,%20Gloecir.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016.

BINGEMER, Maria Clara; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Secularização*: novos desafios. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

BIZELLI, Edimilson Antonio. *Considerações sobre As Formas Elementares da Vida Religiosa, de Émile Durkheim*: contribuições e polêmicas. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revista nures/revista4/nure s4_edimils on.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2016.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política I.* Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BRAKEMEIER, Gottfried. Fé cristã e pluralidade religiosa - onde está a verdade?. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 23-47, 2002.

BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 6 fev. 2017.

BREPHOL, Marion. Estado laico e pluralismo religioso. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 127-144, jan./abr., 2016.

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. Diálogo inter-religioso: perspectivas a partir de uma teologia protestante. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 45, p. 112-133, jan./mar., 2017.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins; SANTOS, Vivian Carla Calixto. *Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação.* São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Júlio. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. *Revista Brasileira de História das Religiões*, São Paulo, a. 3, n. 7, p. 1-13, mai., 2010.

CASTILHO, Denis. Os sentidos da modernização. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, jul./dez., 2010.

CAVALIERI, Edbrande. Abordagem fenomenológica do religioso. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs.). *Religião e sociedade (pós) secular*. São Paulo: Academia Cristã; Vitória: Editora Unida, 2014. p. 35-45.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

CECCHETTI, Elcio; OLIVEIRA, Lílian Blanck de. Diversidade religiosa e direitos humanos: conhecer, respeitar e conviver. *RIDH*, Bauru, v. 1, n. 4, p. 181-197, jun., 2015.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia*: ensino médio. São Paulo: Ática, 2010.

CISALPINO, Murilo. *Religiões.* São Paulo: Scipione, 1994.

COLETÂNEA. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/coletanea/>. Acesso em: 9 ago. 2017.

DICIONÁRIO INFORMAL. *Teocentrismo*. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/teocentrismo/>. Acesso em: 8 de ago. 2017.

DISSENHA, Piccinelli; RODRIGUES, Sérgio Barbosa; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. Produção de conhecimento do ensino religioso no período de 1996 a 2008: uma contribuição para o professor. In: SANCHES, Mário Antonio (Org.). Congresso de Teologia da PUCPR, 2009, Curitiba. *Religião e ciência*: Teologia e as ciências da natureza nos 150 anos da principal obra de Charles Darwin. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/congressoteol ogia/2009 />. Acesso em: 9 de out. 2017.

DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as religiões*: do encontro ao desencontro. São Paulo: Loyola, 2004.

FELDENS, Priscila Formigheri. *Preconceito religioso*: um desafio à liberdade religiosa, inclusive expressiva. *Justiça & História*, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 1-17, 2006.

FERNANDES, Pedro Júlio Triana. *Que é a verdade? (Jo 18,38):* uma breve aproximação à teologia do pluralismo religioso desde a perspectiva latino-americana. Disponível em: <http://dasp.org.br/codigos/artigos/Quee_e_a_verdade_Uma_breve_aproximacao_a_teologia_do_pluralismo_religioso.pdf>. Acesso em: 8 out. 2017.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

FREITAS, Sueli Maria de. A dimensão política da ação social na Igreja Contemporânea em Goiânia. *Vox Faifae*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2009.

FREZZATTI JÚNIOR, Wilson Antônio. A construção da oposição entre Lamarck e Darwin e a vinculação de Nietzsche ao eugenismo. *Scientiæ Zudia*, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 791-820, 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Arnon de Miranda. *Testemunha dos primeiros passos*: identidade cristã latino-americana e o paradigma pluralista em José Maria Vigil. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

GOTAY, Samuel Silva. *O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe*: implicações da teologia da libertação para a sociologia da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*: perspectivas. São Paulo: Loyola, 1996.

HELLEN, Victor; NOTAKER, Heny; GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HICK, John. O caráter não-absoluto do Cristianismo. *Numen*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 11-44, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salle. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. *População residente por sexo, por situação de domicílio, sexo, grupos de idade e religião*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/2103>. Acesso em: 26 out. 2017.

KADLUBITSKI, Lídia. *Diversidade e ensino religioso*. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/ index.php/2joint h?dd99=pdf&dd1=7436>. Acesso em: 6 fev. 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LARA, Ricardo; LUPATINI, Márcio; TRISTÃO, Ellen Lucy. O processo de mundialização do capital e sua forma 'adequada' de conhecimento. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. especial, p. 65-91, mai., 2009.

LIMA, Adriano Sousa. O pluralismo religioso como paradigma da teologia no século XXI. *Identidade*, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 80-94, jan./jun., 2014.

LIMA, Paulo Gomes. Uma leitura sobre Paulo Freire em três eixos articulados: o homem, a educação e uma janela para o mundo. *Pro-Posições*, São Paulo, v. 25, n. 3. p. 63-81, set./dez., 2014.

LUCHI, José Pedro. O lugar das religiões numa sociedade pós-secular: discussão da perspectiva de Jürgen Habermas. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs.). *Religião e sociedade (pós) secular*. São Paulo: Academia Cristã; Vitória: Editora Unida, 2014. p. 89-109.

MACEDO, Cármem Cinira. *Imagem do eterno*: religiões do Brasil. São Paulo: Moderna, 1989.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun., 2003.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

MUÑOZ, Manuel. *Sociodiversidade, multiculturalidade e sustentabilidade*. Disponível em: <http://izabelahendrix.edu.br/humanidades1/meioambienteeconscienciaplanetaria/artigos/arquivos/sociodiversidade-multiculturalidade_e_sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 8 set. 2017.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago., 2008.

NUNES, Antônio Vidal. Religação e religião em Xavier Zubiri. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz (Orgs.). *Religião e sociedade (pós) secular*. São Paulo: Academia Cristã; Vitória: Editora Unida, 2014. p. 9-34.

OCKHAM, Guilherme de. Sobre o poder dos imperadores e dos papas. In: OCKHAM, G. *Obras políticas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 165-251.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Pluralismo religioso e identidade: as concepções de ciência, verdade e tolerância/intolerância religiosa e as relações estabelecidas por parte dos kardecistas pernambucanos com os adeptos de outras religiões. *Pensamento Plural*, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 79-103, jan./jun., 2008.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Preconceito, estigma e intolerância religiosa: a prática da tolerância em sociedades plurais e em Estados multiculturais. *Estudos de Sociologia*, Pernambuco, v. 13, n. 1, p. 239-264, 2015.

OLIVEIRA, Helio Carlos Miranda. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, n. 34, v. 2, p. 135-161, ago./dez., 2012.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Antropologia da religião*. Disponível em: <http://www. ucb.br/sit es/ 000/14/PDF/antropologiadareligiao.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2016.

PAINE, Scott Randall. Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Brasília, a. 1, n. 1, p. 100-110, 2010.

PANASIEWICZ, Roberlei. *Fundamentalismo religioso*: história e presença no Cristianismo. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/panasiewicz-roberlei.pdf>. Acesso em: 7 out. 2017.

PANASIEWICZ, Roberlei. *Identidade cristã e pluralismo religioso contemporâneo*: uma reflexão a partir da abordagem teológica de Claude Geffré. Disponível em: <http://www.dhi.ue m.br/gtreligiao/pdf/st3/Panasiewicz,%20Roberlei.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2017.

PETRICK, Lademir Renato. A busca da verdade como critério definidor da relação entre filosofia e religião no pensamento de Arthur Shopenhauer. *Plura*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 166-180, 2011.

PUC-RIO. *A teologia e o contexto religioso*: o pluralismo religioso e a teologia das religiões. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14757/14757_3.PDF>. Acesso em: 16 nov. 2016.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PUC-RIO. *O processo de secularização da sociedade*. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27302/27302_3.PDF>. Acesso em: 16 nov. 2017.

PUC-RIO. *Pluralismo religioso e cristologia*. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/2 532 8/25328_4.PDF>. Acesso em: 9 out. 2017.

RECH, Vilma Tereza. *Pluralismo religioso*: diálogo e alteridade no ensino religioso. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *A Teologia da libertação morreu?*: Reino de Deus e espiritualidade hoje. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RIBEIRO, Elton Vitoriano. Religião, Verdade e Hermenêutica. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 354-361, abr./jun., 2011.

ROCHA, Abdruschin Schaeffer. *Hermenêutica do cuidado pastoral:* lendo textos e pessoas num mundo paradoxal. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

RODRIGUES, Samuel. *Contributo para a interpretação do fundamentalismo islâmico*. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1660/1/NeD68_SamuelRodrigues.pdf>. Acesso em: 9 out. 2017.

SANCHEZ, André. *O que significa gentios?*. Disponível em: <https://estudos.gospelmais.com .br/o-que-significa-gentios.html>. Acesso em: 29 out. 2017.

SANTOS, Renan. *Escolástica*: a Filosofia durante a Idade Média. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/escolasticaafilosofiaduranteaidademedia.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 8 ago. 2017.

SANTOS, Walberto Silva dos et al. A influência dos valores humanos no compromisso religioso. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 285-292, jul./set., 2012.

SILVA, Carlos Antônio da. *Cristianismo e pluralismo religioso*: o face a face das religiões na obra de Claude Geffré. 2009. 231 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Eliane Moura da. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2004.

SILVA, João Bernardino da; SILVA, Lorena Bandeira da. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. Lo*gos & Existência*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 203-215, 2014.

SILVA, José Maria da. *O Cristianismo e o pluralismo religioso*: possibilidades dialogais com a pós-modernidade. 2004. 429 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2004.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. O discurso religioso na sociedade pós-secular: notas reflexivas e indícios impertinentes. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

Luiz (Orgs.). *Religião e sociedade (pós) secular*. São Paulo: Academia Cristã; Vitória: Editora Unida, 2014. p. 52-88.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. *Diversidade religiosa e Direitos Humanos*. Disponível em: <https://goo.gl/qWyR5p>. Acesso em: 9 out. 2017.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição: transformações do campo religioso. *Ciencias Sociales y Religión / Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 3, n. 3, p. 115-129, out., 2001.

STEIL, Carlos Alberto; HERRERA, Sonia Reyes. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Interface*, Porto Alegre, a. 12, n. 23, p. 354-393, jan./abr., 2010.

TEIXEIRA, Faustino. Panorâmica das abordagens cristãs sobre as religiões. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v.30, n.80, p.57-84, 1998.

TEIXEIRA, Faustino. A Teologia do Pluralismo Religioso em Claude Geffré. *Numen*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 45-83, 2010.

TEIXEIRA, Faustino. Pluralismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 27-32, 2005.

TRINDADE, João N'Agola. *Resenha de O choque de civilizações*. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/pesquisas/resenha-de-choque-de-civilizacoes-de-samuelhuntington>. Acesso em: 26 set. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Carlos Alberto Pinheiro. Desafios e possibilidades da pertença religiosa numa era secular. V Congresso ANPTECRE, 2015, Curitiba. *Religião, Direitos Humanos e Laicidade*. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/5anptecre?dd1=15597&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 15 set. 2017.

VIGIL, José Maria. Cristologia da libertação e pluralismo religioso. In: TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Orgs.). *Pluralismo e libertação*: por uma teologia latino-americana pluralista da libertação a partir da fé cristã. São Paulo: Paulinas, 2006b. p. 161-170.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso*: para uma releitura pluralista do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006a.

VILLASENOR, Rafael Lopez. O pluralismo e secularização na metrópole: novo desafio para a renovação paroquial. Congresso Continental de Teologia. *Iglesia que camina con Espíritu y desde los pobres*. São Paulo, Paulinas, 2015.

VILLASENOR, Rafael Lopez. Para uma teologia do pluralismo religioso: visão tripartite. *Ciberteologia*, São Paulo, a. 7, n. 34, p. 135-148, 2011.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

VILLASENOR, Rafael Lopez. Paradigmas teológicos perante o diálogo inter-religioso. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, a. 25, n. 89, p. 172-197, jan./jun., 2017.

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 08/12/2017.

PPGCR
Faculdade Unida de Vitória